EMBAIXADOR DO BRASIL

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

*Ministro de Estado* Embaixador Celso Amorim
*Secretário-Geral* Embaixador Antonio de Aguiar Patriota

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

*Presidente* Embaixador Jeronimo Moscardo

*Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais*

*Diretor* Embaixador Carlos Henrique Cardim

*Assessoria Especial de Assuntos Federativos e Parlamentares*

*Chefe* Embaixador Sérgio França Danese
*Assessor* Secretário Aurélio Viotti

*Subsecretaria-Geral de Cooperação, de Cultura e de Promoção Comercial*

*Subsecretário-Geral* Embaixador Ruy Nunes Pinto Nogueira

*Departamento Cultural*

*Diretora* Ministra Eliana Zugaib

*Divisão de Operações de Difusão Cultural*

*Chefe* Conselheira Mariana Lima Moscardo de Souza
*Assessoras* Secretária Izabel Cury
Secretária Mirtes Sobreira

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br

# Embaixador do Brasil

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília, 2010

Copyright © Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@itamaraty.gov.br

**Equipe Técnica:**
Maria Marta Cezar Lopes
Cíntia Rejane Sousa Araújo Gonçalves
Erika Silva Nascimento
Fabio Fonseca Rodrigues
Júlia Lima Thomaz de Godoy
Juliana Corrêa de Freitas

**Programação Visual e Diagramação:**
Juliana Orem e Maria Loureiro

Impresso no Brasil 2010

E44 Embaixador do Brasil. – Brasília : FUNAG, 2010.
132p : il.

Inclui atos legais e artigo de Bernando de Mello Franco no Jornal O Globo de 28 de junho de 2009.

ISBN: 978.85.7631.237-6

1. Moraes, Vinicius de - Diplomata. I. Título.

CDU: 92:341.7

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei n° 10.994, de 14/12/2004.

# Sumário

Apresentação: Chega de Saudade e de Injustiça, 7
Embaixador Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores

Depoimento, 9
Embaixador Affonso Arinos de Mello Franco

Vinicius de Moraes: O poeta da proximidade, 15
Miguel Sanches Neto

Vinicius, Poeta e Diplomata, na Música Popular, 33
Ricardo Cravo Albin

Vinicius de Moraes e a Pátria, 57
Felipe Fortuna

Turma Vinicius de Moraes (2001 – 2003): Excertos, 65

Tramitação no Poder Executivo, 69

Artigo de Bernardo de Mello Franco, no Jornal *O Globo*, 87

Tramitação Legislativa, 99
*a. Mensagem Presidencial,99*
*b. Parecer do Deputado Emiliano José, Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados,101*
*c. Requerimento de urgência, Câmara dos Deputados,108*
*d. Votação no Plenário da Câmara dos Deputados, 09 de fevereiro de 2010,109*
*e. Parecer do Senador Marco Maciel, Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado Federal,112*
*f. Votação no Plenário do Senado Federal, 2 de junho de 2010, 115*

Lei 12.265, de 21 de junho de 2010, 119

Anexos, 107

# Apresentação

*Celso Amorim*
*Ministro das Relações Exteriores*

**Chega de saudade e de injustiça**

*"Não te direi o nome, pátria minha*
*Teu nome é pátria amada, é patriazinha*
*Não rima com mãe gentil*
*Vives em mim como uma filha, que és*
*Uma ilha de ternura: a Ilha*
*Brasil, talvez."*
***Vinicius de Moraes***

Um dos maiores poetas em língua portuguesa de todos os tempos, Vinicius de Moraes foi também diplomata de carreira. Tendo ingressado no Itamaraty por concurso, em 1942, serviu em Los Angeles, Paris e Montevidéu. Cultivou amizades e admiração nos círculos artísticos e diplomáticos que frequentou. Foi aposentado compulsoriamente em 1969.

Em 21 de junho último, o Presidente Lula sancionou a lei que promove Vinicius, que não está entre nós já há trinta anos, ao cargo de Embaixador. A promoção póstuma de Vinicius de Moraes a Ministro de Primeira Classe da carreira diplomática teve duplo propósito.

O primeiro foi reverter a injustiça perpetrada pelo regime militar, que aposentou prematuramente o então Primeiro Secretário como parte do

movimento de "caça às bruxas" no serviço público. O Secretário Vinicius – poeta e compositor de renome – não se encaixava exatamente no modelo de funcionário público imaginado pelos donos do poder em tempos de AI-5. Embora fosse um diplomata competente, que cumpria suas funções no Itamaraty com esmero, foi vítima da intolerância característica do regime.

Por outro lado, a homenagem póstuma a Vinicius – um dos pais da bossa nova e autor de clássicos que ecoam no cancioneiro popular até hoje – representa um reconhecimento a sua enorme contribuição à divulgação da imagem do Brasil no exterior. Garota de Ipanema, fruto de sua prolífica parceria com Tom Jobim, é das canções mais tocadas em todos os tempos. Vinicius cantou o nome e as belezas do Brasil mundo afora. Traduziu na música e na poesia os ideais da diversidade racial. Foi, sem dúvida, um grande Embaixador da cultura popular brasileira.

Esta publicação, que conta com depoimentos de diplomatas sobre a vida e obra de Vinicius, insere-se no ciclo de homenagens que a Casa de Rio Branco faz, algo tardiamente, a um de seus membros mais ilustres e talentosos.

# Depoimento

*Embaixador Affonso Arinos de Mello Franco*

Ao entrar no Itamaraty, fui designado para servir na Comissão de Organismos Internacionais, subordinada à Divisão de Atos Internacionais. Ali chegado, apontaram-me uma mesa vazia, que seria a minha. Na mesa pegada, aboletava-se o diplomata Vinicius de Morais. Desde então, ficamos praticamente inseparáveis por todo o tempo em que servimos juntos na Secretaria de Estado – durante o dia no Ministério, à noite em romaria incessante pelos bares de Copacabana. O horário manso do trabalho permitia a vida boêmia colateral.

Findo o expediente, nos dirigíamos à sede do jornal Última Hora, distante apenas uns quarteirões, onde Vinicius devia entregar sua crônica diária, com que suplementava os modestos vencimentos funcionais. Eu desconhecia, a princípio, que a colaboração do poeta com a imprensa ia além daquela coluna. Uma tarde, estávamos em nossa sala no Itamaraty, quando entrou o contínuo trazendo a correspondência para o cronista, que aproveitava as folgas do serviço para respondê-la. Só que, naquele dia, a grande quantidade de cartas me surpreendeu. Intrigado, indaguei-lhe se eram todas de leitores da sua crônica. Meio sem jeito, ele perguntou se eu lia mesmo a Última Hora, ao que confirmei lê-la diariamente. Seu embaraço aumentava: " – Flan, semanário da Última Hora, tem um consultório sentimental." "– Eu sei, assinado por Helenice."

Helle Nice fora uma corredora de automóveis francesa, conhecida no Rio de Janeiro ao disputar o Circuito da Gávea em seus tempos heróicos, antes da segunda guerra mundial. Fazia sensação, ao posar, fumando, na praia de Copacabana, com maiô de duas peças. O próprio ditador Getúlio Vargas, adepto do gênero vedette, deixou-se fotografar a cumprimentá-la, embevecido.

Veio, em seguida, a confissão encabulada de Vinicius: " – Helenice sou eu. Esse monte de cartas se deve ao fato dela ter anunciado uma receita infalível contra a queda de cabelos." Conhecendo o poeta, não duvido de que seus conselhos possam ter desfeito vários lares de leitoras incautas. E ainda ganhei uma receita de próprio punho, dedicada por Helenice, que começava mais ou menos assim: "Comprar uma escova de pelo-de-arame. Esfregar com força o couro cabeludo. Vai cair cabelo á beça. Não dar bola."

Na redação da Última Hora, formavam uma rodinha, conversando e comentando os fatos do dia, os queridos Oto Lara Resende e Hélio Pellegrino, além de outros amigos. Oto cobrava de Vinicius, o grande lírico de Poemas, sonetos e baladas, a continuidade da obra literária, mas o poeta se defendia, lembrando que suas letras para a música popular estavam no coração e na boca do povo, ao passo que a leitura dos versos ficaria restrita a uma elite. Eu achava que os dois tinham razão, mas a verdade é que, no caso, a música, sempre bonita, matou a poesia, cujas últimas tentativas foram bem medíocres. Beatriz de Morais, a Tati, fazia crônica de cinema. Recém-separada de Vinicius, era constrangedor para ela juntar-se ao grupo. No entanto, caminhando de um lado para o outro, passava por nós com freqüência, e daí nasceu o primeiro samba-canção de Vinicius de Morais, "Quando tu passas por mim".

Vinicius separou-se de Tati, pela primeira vez, por causa de Regina Pederneiras, arquivista do Itamaraty, inspiradora da sua "Balada das arquivistas". Arranjou, lá pela região serrana, um padre que o casou com a nova amada, na ausência conspícua da mãe e das irmãs. Passados uns dias, reapareceu em casa e cobrou: "– Vocês não apareceram no meu casamento." Elas ficaram esperando a reprimenda, mas a reação veio sob forma carinhosa: "– Pois perderam. Estava muito bonitinho."

O resto da história me foi contado por Pedro Nava, companheiro fraterno de Vinicius. Mais tarde, aquele dormia, por volta das quatro da manhã, quando Regina telefonou acordando-o, alarmada: "– Nava, Vinicius está desmaiado. Não sei o que fazer. Me ajude!" Nava vestiu-se, arrumou a maleta de

instrumentos e remédios, e rumou para a casa do amigo, bem distante. Deu-lhe uma injeção, reanimou-o e foi-se embora. Uma semana depois, de novo: "– Nava, Vinicius voltou a desmaiar." Lá estava o poeta, desacordado. Desta vez, o médico pediu: "– Regina, traz-me um café forte, por favor." Quando ela desapareceu na cozinha, Nava sacudiu severamente o corpo inerte do amigo: "– O que é que há?" E Vinicius, entreabrindo um olho súplice: "– Pedrinho, eu não aguento mais ..."

O poeta não seria réu primário neste truque. Um dia, com o lar já sob outra gerência, a musa de turno recorreu a Oto Lara Resende, pois o companheiro sentia-se mal. Oto se fez acompanhar por Hélio Pellegrino, que tinha formação médica. Mas, ao adentrar o quarto onde jazia Vinicius, lobrigou, sobre a cabeceira, a intimação de uma promissória vencida. Tirou, então, da carteira uma nota de dois cruzeiros, cuja cor alaranjada era semelhante à de mil, ilustrada por um retrato de Pedro Álvares Cabral. Dobrou-a com cuidado e, ao despedir-se de Vinicius, passou-a sorrateiramente ao pseudo-enfermo, que, na sua expressão, a capturou "com mão de garçom recebendo gorjeta". Os dois amigos pretextaram sair, mas ficaram esperando atrás da porta, até ouvirem uma risada. O poeta confessou: "– Eu pensava que fosse um Cabralzinho..." E, já reconfortado, seguiram juntos para a cidade.

Voltemos, porém, à Última Hora. Do jornal, saíamos para o bar Maxim's, na Avenida Atlântica. Lá era também diária a presença de escritores e jornalistas talentosos, e boêmios contumazes, como Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Lúcio Rangel e Antônio Maria, então inseparável de Vinicius. E começava a paixão de Vinicius por Lila Boscoli, que gerou a "Balada dos olhos da amada".

Naquele tempo, eu frequentava o Grêmio Recreativo Escola de Samba União de Vaz Lobo, do qual era sócio, com carteirinha e tudo. Tínhamos ensaios todas às sextas-feiras. E, às vezes, o grande compositor da escola, Zé Kéti, vinha fazer uma escola de samba em casa de parentes ou amigos nossos. Uma noite, a reunião ocorreu em casa do senador Hamilton Nogueira, cujo filho Luís Paulo era prócer importante do Grêmio Recreativo. Convidei Vinicius e Lila para irmos juntos. Lá chegados, encontramos Zé Keti na sua animação habitual, acompanhado por um amigo silencioso. Este começou a dedilhar seu violão, cantarolando: "Se alguém diz que eu sou um covarde, errou / Só porque abandonei aquela mulher / Quem condena é certamente porque nunca amou." Lila ficou no auge da excitação: "– Vinicius, o samba da minha vida! Por favor, de quem é ele?", exultava. "– Meu, minha senhora",

respondeu discreto, o senhor moreno e grisalho. "– Mas, então, o senhor..." "– Sou Nelson Cavaquinho, para servi-la, minha senhora."

Certa vez, Vinicius e Antônio Maria, acompanhados das respectivas amadas de ocasião, passaram em minha casa, já tarde, para levar-me com ele a São Paulo, aonde chegamos ao amanhecer. O pernambucano gordo dirigia o automóvel, e, de repente, pôs-se a reproduzir, em voz alta, a discussão que imaginava estar-se travando entre o casal que viajava no carro ao lado, com o qual ele apostava corrida para ultrapassá-lo: "Cuidado, Azevedo, vá mais devagar... Azevedo, você está andando depressa demais... Não corra, Azevedo, por favor... Azevedo, aquilo é um negro, Azevedo!".

Às vezes, íamos ao Michel, que ficava atrás, no "beco das garrafas", para ouvir Dolores Duran. De uma feita, Vinicius e eu percorremos vários pontos de encontro dos notívagos em Copacabana, até amanhecermos em um bar da praia, comemorando o nascimento, naquele dia, da sua filha Georgiana. Afonso Arinos, ao saber disso, insinuou que o poeta, esquerdista festivo, dera o nome à filha para homenagear Stalin, nascido na Geórgia. (Um dia, Oto, Marco Aurélio Matos e eu resolvemos visitar Vinicius, que estava doente. Encontramos Tom Jobim sentado à cabeceira do poeta. A conversa descambou para os crimes de Stalin. Os amigos mineiros pressionavam Vinicius, que acabou concordando: "Foi uma grande figura, mas era um monstro moral.").

A Embaixada em Paris lhe foi destinada como posto diplomático. Então nos afastamos, mas ele precisou de dinheiro no Rio, e arranjei-lhe empréstimo com parente meu que geria uma agência bancária. Por carta de março de 1955, Vinicius me informava da França que "figura de Pedro Nava esteve excelente aqui. Grandes bate-papos. Ele te contará aí. Consta que meu livro esgotou rápido, e eu estou brilhando muito por aí. Se for verdade, escreve contando, pois sempre dá prazer saber que a gente ainda não foi esquecido." O poeta diplomata pedia ainda: "Manda me avisar da data do vencimento." Eu já estava noivo; ao aproximar-se a ocasião do matrimônio, verifiquei que teria necessidade das parcas economias imobilizadas pela fiança. Então, escrevi-lhe recordando que a promissória por mim avalizada estava por vencer; e me lembro de cor, até hoje, da sua resposta telegráfica, redigida em latim macarrônico: "*Non Afobare Fili Mihi. Papagaius Pagatus Est. Vinicius*".

Ao felicitar-me pelo casamento, em agosto, contou-me que, apesar da grande agitação social, mesmo em Château d'Eu, "este sarcófago onde me

enterrei por quinze dias para poder trabalhar um pouco em coisas minhas – o que é impossível em Paris", ia "tocando assim mesmo o cenário de um filme e uma peça de teatro noite adentro". Eram o Orfeu Negro e o Orfeu da Conceição, a propósito dos quais ele me pedia, em setembro, para ajudá-lo a apressar uma resposta favorável ao pedido, que fizera ao Itamaraty, para passar dois meses de férias no Brasil. "O tempo está correndo, e eu não posso perder essa minha viagem, que é importantíssima, do ponto de vista 'cinematográfico' da carreira. Você, por essa altura, já deve ter lido aí sobre o meu filme com o Gourdine, etc. (...) Breve nos veremos aí, para trançar um violão. Estou cheio de sambinhas novos."

Casei-me, e fui removido para a Embaixada em Roma. Passamos em férias por Paris, revimos Vinicius e Lila, e revivemos por uma noite, saindo em bando, a boêmia do Rio de Janeiro. Mas, naquela mesma noite, o casal se desfazia; enquanto eu me sentava no meio-fio, consolando Lila, acontecia ali mesmo, bem por detrás de nós, um novo amor para Vinicius, a namorar ostensivamente Lúcia Proença.

Devoto dos encantos femininos, o poeta não era discreto sobre suas detentoras que lhe retribuíam as atenções. De um desses amores, flama alta e brilhante, muito exótica, mas de curta duração, confidenciou-me, certa vez, não saber se a considerava "uma beleza ou um bofe".

Mas tinha o coração bondoso. Um dia, desafiou o brutamontes que, no bar Recreio, ousara falar mal de Alceu Amoroso Lima. De outra feita, já havia bebido bastante, no Maxim's, quando disse de repente: "Eu sinto uma pena das pessoas...". E pôs-se a chorar.

Voltamos a estar juntos no Rio, bem mais tarde, e por pouco tempo, Vinicius se apresentava, então, num vasto auditório, com Tom Jobim, Toquinho e minha prima Miúcha. Terminado o espetáculo, esticávamos a noite numa churrascaria, o poeta na cabeceira da mesa comprida, o dinheiro da bilheteria a estufar os bolsos da camisa, pagando tudo para nós.

Nosso encontro final ocorreu quando ele vivia com a argentina Nelita. Duas amigas da nova mulher passavam uma temporada em sua casa no Rio, enquanto a companheira permanecia em Buenos Aires. Fomos jantar os quatro num restaurante em Ipanema. Vinicius bebia muito, e ora se inclinava sobre uma das moças, ora caía por cima da outra, que lhe endireitava a roupa. Levei-os para casa, na Gávea, à qual dava acesso, a partir da rua, uma vasta escadaria. Dali o vi pela última vez, como que subindo aos céus, amparado por um par de anjos portenhos.

Em uma das fases mais sombrias da nossa história recente, Vinicius foi excluído da carreira diplomática por ato arbitrário do regime militar. Os catões de plantão, capachos da ditadura, julgavam sua vida artística e boêmia incompatível com a alegada pureza revolucionária. Mas poucos diplomatas contribuíram como ele para divulgar o Brasil no exterior. Seu nome deveria ser dado a algum órgão do Itamaraty encarregado de promoção cultural, pelo tanto que a cultura brasileira deve a Vinicius de Morais.

Fonte: Mello Franco Filho, Affonso Arinos. *Mirante*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

# Vinicius de Moraes: o Poeta da Proximidade

*Miguel Sanches Neto*

Estreando dentro de uma visão filosófica e política e de um estilo alheios, Vinicius de Moraes se viu, no início de sua carreira, plantado em uma latitude literária mais à direita. Autor do primeiro livro aos vinte anos (*O caminho para a distância,* 1933), vindo de uma família pobre, cujo patriarca renunciara à carreira artística em prol de um emprego burocrático, herda a missão implícita de dar credibilidade social às aptidões familiares que trazia em si. O adolescente que, no passado, assinara um dos poemas do pai para enredar certa menina, sentia agora a necessidade de dar consistência à vocação paterna, conquistando espaços de prestígio. Assim, era o pai que, pela transmissão do dom, se faria ver na poesia de um filho admitido em importante núcleo do campo literário. Destinado a redimir a pobreza e o silêncio de seus genitores, porque sua mãe também possuía um talento musical circunscrito ao ambiente doméstico, o poeta se liga ao grupo espiritual que siderava em torno de Octavio de Faria e Augusto Frederico Schmidt, recebendo deles uma influência que não pode ser vista como negativa, pois lhe possibilitou entrar na cena cultural e superar algumas limitações juvenis.

Com isso, ele passa a fazer parte de um discurso literário e social que negava os valores populares, as liberdades modernas e a poesia do à vontade (instalada heroicamente pela geração anterior, responsável pela ação profilática da conquista de códigos contemporâneos), referendando o poder do indivíduo que busca, pela ascese, a redenção pessoal – que no fundo é a do eleitos.

Uma visão, portanto, elitista da arte, bem ao gosto dos encaminhamentos políticos da primeira fase do governo Vargas (1930-1945), para o qual o poeta trabalhará, em 1936, como censor cinematográfico, posto herdado do amigo Presidente de Morais, neto.

A força centralizadora do grupo foi fundamental para que Vinicius se dedicasse plenamente à arte poética. Isso, no caso de uma pessoa dispersiva como ele, definiu seu próprio futuro, pois seus primeiros livros criaram, deixando sólida, a figura do vate marcado pela grandiloquência de dramas metafísicos que davam origem a versos dilatados – verdadeiros tapetes aristocráticos que não cabiam nos apartamentos acanhados de uma poesia moderna já naquele instante repleta de cacoetes. O lado positivo desta influência é visível no ritmo criativo do poeta, que, em apenas três anos, editou três livros, média que nunca mais atingirá. É claro que não há uma correspondência entre a quantidade e a qualidade. Os seus melhores poemas serão escritos depois, quando o autor adquire voz própria. Suas raízes, no entanto, permanecem em seu universo de estréia, que não será mais repetido e sim, negado.

Ao filiar-se a um grupo, ele tem valorizada a sua criatividade, recebendo de empréstimo a nomeada de seus mestres e as posições conquistadas. Negar, por isso, essa influência primeira é desconhecer o seu papel na formação do poeta e na conquista de visibilidade, mesmo que mascarada por traços coletivos. Seus primeiros livros guardam um grande interesse crítico, mesmo sendo esteticamente secundários.

Não se pode falar, nem em seus momentos mais religiosos, de uma poesia católica, embora fosse esta a orientação do grupo. Os seus são versos assinalados, como fica dito em "Místico", por um "vago sentido de espiritualização" (p. 161). Poeta aprendiz, o Vinicius dessa fase sofre o choque dos apelos eróticos e a orientação para a superação de sua natureza sensual. Na verdade, os poemas refletem o embate entre dois tipos de satisfação, a espiritual e a carnal. Não se encontra o poeta em um estado de pacificação, mas no meio de uma disputa acalorada entre suas experiências de homem e sua formação religiosa e filosófica, referendada pelo tutor intelectual que era Octavio de Faria. Daí os versos desbragados, num derramamento de sentidos para todos os lados, razão da vaguidade que o próprio poeta confessa ao abrir o livro. Entram em disputa a formação e a deformação, puxando o poeta para lados opostos. A poesia é uma maneira de tentar impor (fazendo ecoar os ensinamentos de seus mestres) os conceitos adquiridos, obrigando-

o a sentir-se "acorrentado à noite murmurosa", ou seja, a uma escuridão em que não há paz.

São dois, portanto, os caminhos que ele tem para seguir – um o levará à conquista da calma e o outro à incerteza do desconhecido, como fica relatado em "Velha História":

*O homem olhou por um momento a estrada clara e deserta*
*Olhou longamente para dentro de si*
*E voltou.*

É essa paralisação diante de dois caminhos que caracteriza a produção de Vinicius nesse instante inicial de sua trajetória. Sua condição bipartida será relevada em "O poeta", auto-retrato em que ele se vê "preso, eternamente preso pelos extremos intangíveis", uma vez que, naquele instante, se sente incapaz de se decidir por um dos pólos.

O pivô dessa indecisão é a figura da mulher, em suas duas versões antagônicas:

*Ele ama as mulheres castas e as mulheres impuras*
*Sua alma as compreende na luz e na lama.*

Seria impossível negar qualquer uma dessas mulheres, responsáveis pelo impasse que se manifesta nos três livros iniciais. Ao mesmo tempo em que ama toda forma feminina, ele se sente imobilizado diante delas. Num sonho ("A esposa") em que lhe aparece a companheira, o poeta impotente nada faz para retê-la:

*Eu só verei a porta que se vai fechando brandamente...*
*Ela terá ido, a esposa amiga, a esposa que eu nunca terei.*

Essa era a versão da mulher como luz, que oferece ao poeta serenidade, embora em outro instante ("A uma mulher" – a esposa torna-se simplesmente mulher), o encontro com a carne sirva para pôr o amante em contato com a morte e com o sofrimento, dos quais o poeta foge, amedrontado com este poder aniquilador inerente ao sexo: "Eu compreendi que a morte estava em seu corpo / e que era preciso fugir para não perder o único instante / em que foste realmente a ausência de sofrimento". Mas sem se entregar à castidade,

ele encontra um caminho intermediário no encontro rápido e provisório, sem amor e sem apego ao corpo das mulheres desejadas, nas quais experimenta apenas as luzes da manhã, distanciando-se em seguida delas. Este poema pode ser lido como uma premonição do próprio destino de Vinicius, que buscará em mulheres mais novas um afastamento da morte – questão discutida em outra profissão de fé, "O poeta na madrugada", ou seja, a caminho da luminosidade:

*O poeta tem a alegria que vive na luz*
*E tem a mocidade que nasce da luz*
*Oferecendo a tristeza do seu amor e a alegria de sua carne*
*O poeta amou a carne das mulheres*
*Mas não envelheceu no amor que elas lhe davam*
*[...]*
*E se o poeta amasse*
*Ele não viveria eternamente jovem, brilhando na luz.*

Se estes são os diálogos desencontrados com as mulheres, ele, paralelamente, busca se entender com Deus, na esperança de se livrar de seus próprios desejos, arrependido de suas entregas às delícias da matéria: "É terrível, Senhor! Só a voz do prazer cresce nos ares / (...) Só a miséria da carne, e o mundo se desfazendo na lama da carne" ("A grande voz"). Sendo o corpo algo que se deteriora, ele é tomado com uma falsidade, incapaz, portanto, de dar segurança ao homem: "Não podem prevalecer o prazer e a mentira. / A verdade é o Espírito". Vinicius clama então para que Deus combata a Sodoma por ele habitado, pedindo, em outro poema ("Judeu errante"), para seguir sozinho em busca da aurora. Apegado ao mesmo tempo aos aspectos corpóreos e sensitivos do homem e a uma moralidade pacificadora, Vinicius não consegue fugir da mulher e nem assumi-la integralmente, buscando-a apenas para encontros mais fortuitos, lenitivo para sua ânsia de amor – um amor que o prenderá ao perecível.

Essa dilaceração tem desdobramentos em seu estilo, tornando-o prolixo, porque permanece a antítese, sem possibilidade de síntese. Insuflado pelo dilema, ele tenta pôr em cena todas as suas oscilações psicológicas, produzindo versos e poemas longos, retratos de uma incontornável tormenta interior e não apenas apropriação de um estilo alheio.

No capítulo seguinte deste drama, *Forma e exegese* (1935), diminui o grau de abstração, aumentando a contextualização de uma poesia que continua a cifrar o impasse. É extremamente revelador um dos versos do primeiro texto do livro ("O olhar para trás"), em que Vinicius divide-se em dois momentos conflitantes, a juventude preocupada com o sublime e a adolescência entregue à carne:

*Eu estaria sempre como um círio queimando para o céu a minha fatalidade*
*Sobre o cadáver ainda morno desse passado adolescente.*

É esse seu passado ainda meio presente que exerce o papel de contraponto a seu destino de ascese, puxando-o para perto do pântano. A entrada de alguns dados biográficos, embora meio velados, permite, à luz de depoimentos e poemas posteriores, entender melhor tal conflito. Ao recordar-se da Ilha do Governador, no poema com esse título, para onde sua família se transferiu em 1922, o poeta expressa uma ternura pelos seres humildes com os quais partilhou a infância e adolescência. Se há uma pacificação nessa mirada pelo retrovisor, em outro poema ele recusa uma figura que o marcará para sempre, a mulata que lhe abriu os horizontes do sexo. Aqui, ela não aparece de forma declarada, mas apenas como a mulher morena, num poema que fala do retorno dela, seja pela memória, seja por estar personificada em outra mulher:

*A volta da mulher morena*
*Meus amigos, meus irmãos, cegai os olhos da mulher morena*
*Que os olhos da mulher morena estão me envolvendo*
*E estão me despertando de noite.*

Tanto a cor da mulher quanto o momento em que ele pensa nela tem um sentido figurado, representando o extremo oposto da mulher luminosa, numa visão ariana do impasse vivido, nesse momento, pelo poeta simpatizante do fascismo. O poeta acaba com um pedido de morte cruel a essa mulher, símbolo do lodo que o poeta traz em si. Na verdade, ele a queria extirpada de seu coração, porque se sabia capaz de se entregar às fêmeas impuras. É um grito desesperado para matá-la em si, podendo assim prosseguir em seu caminho rumo à distância. O poeta vê viva a recordação de uma debutância

erótica perturbadora, pois se assumira, no poema "O incriado", como aquele "que não pode fugir à carne e à memória".

Anos depois, em *Poemas, sonetos e baladas* (1943), quando Vinicius goza de uma liberdade condicional de suas influências de estreia, aparecerá nominada, e fisicamente, a mulher morena, "Rosária", com quem ele se iniciou sexualmente:

*E eu que era um menino puro*
*Não fui perder a infância*
*No mangue daquela carne!*
*Dizia que era morena*
*Sabendo que era mulata*
*Dizia que era donzela*
*Nem isso não era ela.*

Retornando a poemas e tensões de *Forma e exegese,* encontramos o antídoto para essa experiência erótica matinal na construção estética de um mito feminino da mulher-luz, espiritualizada. Encontrava-se em seu dia a dia variantes sensuais, definidas metaforicamente como cadafalso e voragem, ele desejava um símbolo apaziguador, que poderia ser a mulher clara, como Alba, do poema homônimo. Mas, mesmo Alba é recordada sensualmente, trazendo tormenta para o poeta, que não se livra de sua luxúria, nem diante de possíveis personificações de pureza, ambicionadas pelo jovem com formação espiritual. O penúltimo e o último poemas do livro fundam-se neste dilema. Aquele é "O nascimento do homem", visto como amante da beleza impura, com vocação sensual. Poema longo, em que vislumbramos quase uma certidão de nascimento do homem no poeta idealista. Mas este volta no derradeiro texto, um fragmento intitulado "A criação da poesia (Ideal)", que traz uma epígrafe reveladora: "O poeta parte no eterno renovamento. Mas seu destino é fugir sempre ao homem que ele traz em si". E a palavra derradeira do livro, que tenta anular as solicitações da carne, vastamente representada ao longo dos poemas, é "anjo", o antípoda do homem que deve ser anulado pela força da poesia e do ideal.

Ideal que ele buscará num transe, durante um sonho, na figura de Ariana (*Ariana, a mulher,* 1936) – representação intangível da figura imaginária da branca amada, a Exaltada (sic), imagem da mulher transfigurada em perfeição angélica. Este conceito olímpico de mulher é fortalecido pela mitologia

hollywoodiana dos anos 1930, que surgia, para os habitantes do espaço deslocado das periferias, como promessa de estranhamento e de distanciamento. Vinicius, espectador profissional, percorreu esse caminho da distância em filmes americanos que lhe transmitiram uma miragem feminina. Italo Calvino, sofrendo as mesmas influências, deixou algumas notas que definem com precisão o drama de nosso poeta cindido: "As mulheres [no cinema francês] tinham uma presença carnal que as empossava na memória como mulheres vivas e, ao mesmo tempo, como fantasmas eróticos, ao passo que nas estrelas de Hollywood o erotismo era sublimado, estilizado, idealizado. (Mesmo a mais carnal das americanas de então, a loura platinada Jean Harlow, tornava-se irreal pelo alvor deslumbrante da pele. No preto e branco a força do branco operava uma transfiguração dos rostos femininos, das pernas, dos ombros e decotes, fazia de Marlene Dietrich não o objeto imediato do desejo, mas o próprio desejo como essência extraterrestre)" (p. 49). A fixação nesse imaginário, que tirava a mulher do convívio terreno para colocá-la no pedestal das musas perfeitas, produz uma impossibilidade de reconhecê-la no dia a dia. O poeta, em *Ariana, a mulher*, percorre todos os lugares à procura da amada, sem encontrá-la. Resta-lhe, depois dessa miragem, uma espécie de vazio, tendo que, passada a fase mais idealizante, se entregar sem traumas metafísicos à mulher imediata.

A mulher salvadora não será imaginária, mas a jovem bonita e sensual que o livrará de ver nela a indesejada da qual ele foge, dando início ao longo caminho por várias mulheres, centro de sua poesia e de sua visão de mundo. O seu Velho Testamento acaba com as *Cinco elegias* (1943), ainda ligadas ao estilo derramado. Daí serem dedicadas, quase como que *in memorian*, a Octavio de Faria e outros amigos do grupo. Este livro temporão, já havia sido publicado *Novos poemas* (1938), traz sinais de ruptura, como a última das elegias, que reproduz uma percepção visual do bairro londrino de Chelsea, local onde o autor conjuga o amor lascivo com sua primeira mulher, Beatriz Azevedo de Mello, conhecida como Tati. Ele se afasta fisicamente do Brasil, indo estudar em Oxford, distanciando-se ainda mais da influência recebida nos anos de formação, e encontra na língua inglesa e nos poetas lidos na Inglaterra novos paradigmas. É um momento de renovação, expressa nessa elegia que mistura português e inglês, que consolida a presença de poetas mais ligados a uma estética moderna. É o momento de viver unificado em uma personalidade definida, superando a cisão anterior, o seu Novo Testamento, escrito na pele de tantas mulheres, cuja sensualidade é tida agora

como força motriz da existência e da poesia. O poeta pode então escrever seus melhores poemas de amor, rendendo homenagem à mulher e ao momento que passa.

De *Novos poemas*, é preciso destacar "Balada feroz", uma defesa do poder purificador do poeta. Vinicius conclama o poeta que há em si a experimentar todas as formas de sordidez e de volúpia. Ele já não tem mais medo do pecado ou da perdição, porque se reconhece dono de um poder saneador: "e com todo este pus, faz um poema puro". Desaparecida a oposição tão forte nos primeiros anos de sua formação, ele agora se encontra de posse de uma identidade que o livra da visão maniqueísta. Surge, portanto, a sua personalidade definitiva:

*Canta! canta, porque cantar é a missão do poeta*
*E dança, porque dançar é o destino da pureza*
*Faz para o cemitério e para os lares o teu grande gesto obsceno*
*Carne morta ou carne viva – toma! Agora falo eu que sou um!*

Esse poema é uma carta de alforria e serve como declaração de princípios do novo homem/poeta que surge, não mais rebelado contra as manifestações do baixo, e sim irmanado a elas.

Em vários poemas do livro aparecem referências à mulher e à vida, o que pode ser visto já em alguns títulos: "Amor nos três pavimentos", "Invocação à mulher única", "A mulher que passa" ("que é tanto pura como devassa"), "Vida e poesia" (unidas e não rivalizando entre si), "Sonata do amor perdido", "A brusca poesia da mulher amada" (I e II), "A vida vivida" (redundância mais do que necessária, pois é uma declaração de plena entrega ao destino que lhe coube) e "Balada para Maria". São poemas de afirmação daquilo que era negado por sua tentativa de redução do ser a uma ordem imaterial.

Ele não apenas rompe com esta sua formação, abrindo-se para novas experiências, como passa a ver a mulher não mais como ser único e extraterrestre, porque, como concluirá em seu mais célebre poema, o amor só é infinito enquanto dura. Está dada a sustentação de uma poética do presente, em que prevalece o imediato e não mais o distante, mantido à custa de novas paixões, uma vez que o autor, rebelando-se contra os conceitos puros, relativiza o que se entende por fidelidade, que só deve existir naquele instante de ardente entrega. O poeta, portanto, vai assumir o papel de cigano do amor, cantando-o em sua versão sempre nova.

Cessados os tumultos de alma, ele se instala em um verso enxuto, na maioria das vezes metrificado, entregando-se ao humor e à simplicidade de um léxico mais cotidiano, longe dos extravasamentos matinais.

Se estas são as matrizes semânticas para se entender grande parte de seus poemas de maturidade, centrados na mulher que participa das paisagens por ele frequentadas, é preciso entender como se deu a passagem do poeta politicamente à direita para o cantor popular, o que não está muito longe das discussões levantadas até aqui, imbricando-se na própria evolução dos conceitos erótico-artísticos de Vinicius. Formado por uma percepção artificial do mundo, que lhe dava não os fatos reais da existência, mas imagens fundadas em ideias pré-concebidas, ele teve que se defrontar com o homem contemporâneo.

Ninguém pode contestar que, como é sabido, a influência do escritor socialista norte-americano Waldo Frank, com quem viajou para o nordeste, descortinando uma situação social de precariedade, foi importante para essa passagem. A viagem se deu, no entanto, em 1942, momento em que já havia uma aproximação do poeta à visão banderiana de poesia, que valoriza o baixo e o pequeno. Essa influência também foi significativa e se faz presente no livro *Poemas, sonetos e baladas*, de 1943, onde há um tributo a Bandeira ("Saudade de Manuel Bandeira"). Vinicius se põe a mitificar algumas figuras e alguns locais que representam as camadas mais pobres. O pescador, a quem ele pede que traga uma tainha gorda para Maria Mulata, as meninas que se vendem por pouco ("Balada do Mangue"), a mulata que a todos se entregava facilmente, e que lhe roubara, na infância, a virgindade ("Rosário"), a mulher simples, tornada musa ("Valsa à mulher do povo"). A sua percepção social, embora aguçada, não é (e não será nunca) prioritária, porque Vinicius foi o poeta da mulher. Mas é neste momento que ele desce à base subterrânea da pirâmide social, sentindo-se também pertencente a ela – recuperando assim um passado de humildade e de pobreza que tentara redimir pela adesão a um discurso espiritualista.

Sem dúvida, em 1942, ao percorrer o Nordeste brasileiro, sentindo-se tão estrangeiro como seu acompanhante, o poeta vai se posicionar como um revoltado social, deixando para trás o desejo idealizador de uma sociedade nova, fundada na busca de uma pureza impossível, de ordem meramente intelectual. Mas há um outro componente que, somando-se a estas duas situações vividas, vai consolidar a opção do poeta: um profundo sentimento de irmandade que a II Guerra Mundial criou nas pessoas mais distantes, que

se viram partícipes dos conflitos bélicos. Renegando seu fascismo juvenil, ele pôde fazer parte, por exemplo, da FEB, não de forma real, mas pela ligação afetiva com Rubem Braga, correspondente de guerra na Itália, a quem rende homenagem no poema-carta "Mensagem a Rubem Braga", dando notícias do Rio:

*[...] Digam-lhe, porém, que muito o invejamos*
*Tati e eu, e as saudades são grandes, e eu seria muito feliz*
*De poder estar um pouco ao seu lado, fardado de segundo sargento.*

Essa co-participação na guerra é crucial para que Vinicius se encaminhe definitivamente para um discurso mais humano e mais voltado para o outro, levando-o a enxergar para além de seu grande tema, a mulher. A sua poética nessa quadra histórica está estampada em um poema ("Mensagem à poesia") vinculado aos conflitos bélicos, no qual o autor se dirige à amada para dizer que a sua preocupação no momento não é com o amor a ela, mas com algo maior, no qual este amor também está incluído: "Digam-lhe que estou tristíssimo, mas não posso ir esta noite ao seu encontro. / Contem-lhe que há milhões de corpos a enterrar / Muitas cidades a reerguer, muita pobreza pelo mundo". Diante do sofrimento alheio, o poeta deve se manter alerta, atento à dor coletiva, afastando-se de seus interesses pessoais: "Não devo [...] debruçar-me sobre mim quando a meu lado / Há fome e mentira: e o pranto de uma criança sozinha numa estrada / Junto a um cadáver de mãe". Esse distanciamento da amada que está perto dele e a aproximação de uma realidade distante na geografia, mas muito próxima psicologicamente, é mais um elemento que mostra o poder unificador da guerra, que fez de boa parte do Ocidente uma única e grande nação.

Um aforismo poético de Murilo Mendes, outro amigo importante na formação de Vinicius, pode ilustrar sinteticamente essa dissolução da distância que se deu na primeira metade dos anos quarenta:

*No ano de bombardear Paris destelhavam a casa de meu pai.*
(*Carta geográfica,* "Fragmentos de Paris")

Foi nesse momento que se consolidou a sensibilidade para o outro num poeta que canta suas emoções e sentimentos íntimos, legando-lhe uns poucos textos engajados. O mais importante, no entanto, não é propriamente o

engajamento do poeta, mas reconhecer que foi este olhar voltado aos seres simples que configurou uma ternura para as coisas do Brasil, vistas nas ruas e nas praias, presente tanto em poemas como nas letras de música e nas crônicas.

Assim, ao ingressar no Itamaraty, em 1943, Vinicius se encontrava em pleno processo de redefinição de rota, redescobrindo uma pátria terrena na qual outrora se sentira estrangeiro. No campo da poesia, e paralelamente ao que se dava em sua percepção social, o poeta luta para negar a força centrípeta do grupo espiritualista, afirmando sua liberdade no amor e na poesia, destinado a viver poeticamente na e para a mulher. Além disso, ele trazia pulsando na lembrança a frustrada trajetória artística de seu pai, preterida em nome de uma regularidade econômica advinda de pequena função burocrática, na qual se consumiu anonimamente o poeta que, no passado, tivera o incentivo de Olavo Bilac.

Vinicius tinha conseguido resolver o conflito de duplicidade que o marcara tão profundamente e lutaria para não se deixar confundir com a identidade da função que acabara de conquistar. Em Los Angeles, para onde fora designado como vice-cônsul em 1946, sofre, quatro anos depois, a perda do pai, para quem escreve: "Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão". Sete anos depois da entrada no Itamaraty, ele deixa algumas pistas, ao tratar desta morte, sobre o que trazia consigo. O pai, definido como poeta, é resgatado de sua condição de funcionário, mais visível socialmente. Afirmar isso no título do poema é operar uma inversão na figura do homem que foi poeta apenas na intimidade da família, fazendo com que esta mudança da ordem dos termos funcione como declaração de princípios. No final do poema, ao tratar das injustiças sofridas pelo funcionário e poeta eternamente esquecido, Vinicius desloca as atribuições, tirando o pai do papel no qual ele se anulou:

*Eras, meu pai morto*
*Um grande Clodoaldo*
*Capaz de sonhar*
*Melhor e mais alto*
*Precursor do binômio*
*Que reverteria*
*Ao nome original*
*Semente do sêmen*
*Revolucionário*

*Gentil-homem insigne*
*Poeta e funcionário*
*Sempre preterido*
*Nunca titular*
*[...]*
*Pai da Poesia.*

Revertendo os qualificativos "funcionário e poeta", na sequencia em que eles se efetivaram na existência do cidadão Clodoaldo de Moraes, Vinicius redime a história paterna e já anuncia o que só viria a ser declarado em uma de suas canções, "Samba da bênção", lançada em seu primeiro *show*, na boate carioca Au Bom Gourmet, em 1962: "Eu, por exemplo, o capitão do mato / Vinicius de Moraes / Poeta e diplomata". Está, por fim, explicitada a maneira como ele se via, fugindo da perigosa trajetória paterna.

Não poderia mesmo tornar-se um funcionário exemplar, voltado prioritariamente para as tarefas diplomáticas, restando-lhe profissionalmente a promoção por antiguidade: cônsul de segunda classe em 01/09/1950 e cônsul de primeira classe em 6 de outubro de 1959. Ele estava predisposto a levar, em qualquer função que ocupasse, uma vida de amor e poesia, inteiramente entregue ao gozo da vida. É sobre isto que discorre, por interposta pessoa, num poema para aquela que foi sua segunda companheira, Regina Pederneira, funcionária do Itamaraty – em "Balada das arquivistas". Vendo as belas jovens no cuidado diário e atento dos papéis da burocracia, o poeta exige que elas deixem o serviço e procurem os namorados:

*Oh jovens anjos cativos*
*Que as asas vos machucais*
*Nos armários dos arquivos!*
*Delicadas funcionárias*
*Da mais fria das prisões*
*É triste ver-vos, suaves*
*entre monstros impassíveis*
*[...]*
*Conheceis, mudas, a nu*
*O lixo das promoções*
*E das exonerações*
*A bem do serviço público*

*[...]*
*No fundo do meu silêncio*
*Eu vos incito a lutardes*
*Contra o Prefixo que vence*
*Os anjos acorrentados*
*E ir passear pelas tardes*
*De braço com os namorados.*

Esse poema da década de quarenta cifra o próprio choque que Vinicius sofria com as suas novas atividades, das quais, ao longo de sua carreira diplomática, ele, sempre que possível, foge, entregue ao pleno exercício (mais vivido na carne do que posto no papel) da poesia. Essa ética do prazer e sua escancarada orientação à esquerda, como não poderia deixar de ser, vão gerar um relacionamento tumultuado entre o poeta e alguns dos companheiros de trabalho e superiores, culminando em sua aposentadoria compulsória em 30 de abril de 1969, com base no artigo XI, parágrafo I do Ato Institucional nº 5, que suspendeu as garantias constitucionais e legais, facultando ao Presidente da República demitir, remover e aposentar funcionários com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço.

Vinicius mantém-se sempre fiel a seu destino de poeta boêmio, indiferente aos percalços burocráticos e políticos – um poeta que vai se distanciando do poema e buscando consolidar outras vocações cultivadas secundariamente, como a música e o cinema – praticadas em nome da poesia. Depois de erigida a figura do poeta no universo erudito, ele passa a se dedicar com mais assiduidade a outras ocupações artísticas, escasseando as coletâneas poéticas, que dão lugar a livros de crônicas, peças de teatro e letras de música – principalmente estas lhe trarão a nomeada popular.

Não obstante essa gradativa escassez de poesia escrita, é possível vislumbrar o ganho qualitativo na produção de Vinicius durante seu tempo de diplomata, em postos como Los Angeles, Paris e Montevidéu. Seria cegueira crítica injustificável desconsiderar o amadurecimento do poeta que passa longos períodos fora da pátria. Isso teve repercussão direta em sua produção.

Analisando o drama intelectual vivido por Joaquim Nabuco, figura axial da cultura brasileira do século XIX, Wilson Martins detectou a luta entre duas forças antagônicas, que puxam os intelectuais para fora do Brasil e, ao mesmo tempo, empurra-as de volta – a isso o crítico chamou de "atração do mundo" e "atração do país" que, em *Minha formação,* livro de 1900, se

manifestava pela presença intelectual da Europa e a sentimental do espaço em que Nabuco se criou. Vale a pena reler esta bela página da reflexão sobre nossa condição bipartida:

> *Estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... Não são os prazeres do rastaquerismo, como se crismou em Paris a vida elegante dos milionários da Sul-América, a explicação é mais delicada e mais profunda: é a atração das afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem europeia. A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; e que na Europa nos falta a pátria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar, sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação europeia.* (*Minha formação,* p. 49)

Habitante de um outro tempo, quando se estabelecia a hegemonia norte-americana, Vinicius, que tinha se formado na língua francesa, cujos grandes escritores lhe influenciaram, também vivia, pelo viés do cinema, dentro de um horizonte americano, sofrendo assim uma dupla atração do mundo, tanto por Paris, capital cultural da Europa eterna, quanto pela nova sede artística da América, Hollywood, que disseminava filmes e ideologias. Não foi, por acaso, portanto, que o poeta se encaminhou para Los Angeles.

Nomeado para este posto em 1946, onde fica até 1950, quando morre seu pai, Vinicius pode se entregar a todos os divertimentos de um mundo festivo, conhecendo gente e técnicas do cinema. Período mais voltado à observação dos acontecimentos do cinema e do *jazz,* em que o poeta não produziu muita poesia, esses anos apresentam como resultado direto o contato com um mundo que, para ele, era apenas ficção em celulóide. Seus poemas americanos, no entanto, são raros e se destacam principalmente como cenários, tal como: "Crepúsculo em Nova York" e "História passional, Hollywood, Califórnia".

Depois de uma temporada no Rio e de viagens para a Europa, parte em 1953 para Paris, onde fica lotado até 1957. São nos anos parisienses que se intensifica a "atração do país", que já se manifestara em seu outro posto,

quando ele escrevera "Balada do Morto Vivo", recuperando um caso amazônico, e um poema como "Pátria minha", nova canção do exílio, em que Vinicius humaniza a pátria, transformando-a em mulher acolhedora, fiel portanto à sua poética da paixão:

*Pátria minha, e perfuma o teu chão...*
*Que vontade me vem de adormecer-me*
*Em teus doces montes, pátria minha*
*Atento à fome em tuas entranhas*
*E ao batuque do teu coração.*

Pelo último verso, percebemos em sua obra uma maior visibilidade da cultura musical popular, que seduzirá o poeta daqui para frente, deixando de ser uma paixão meio secreta. Em outro poema dessa época, "Copacabana", ele liga sua poesia a essa praia carioca, antecipando sua futura personalidade de habitante das geografias planas. Troca as montanhas, presentes nos poemas da fase inicial, e símbolos da elevação rumo ao sublime, pelo nível zero de altitude, novo endereço poético.

Além de dar à imaginação estrangeira uma densidade de coisa experimentada, essas longas permanências fora do país desvelam o sentimento do país, que ele saberá incorporar às suas letras e à sua maneira de ser a partir de fins dos anos cinquenta, período em que a música ganha importância (principalmente financeira) em sua vida e o projeta num outro nível de recepção, mais amplo. Começam então os retratos enamorados do Brasil, tudo funcionando no sentido de atraí-lo de volta a esta fôrma em que nasceu, da qual ele se sente separado, como confessa em "Poema de Auteil": "Não há nenhuma razão no mundo [...] / Para eu estar andando nesse meio-dia por esta rua estrangeira / Eu devia estar andando numa rua chamada Travessa Di Cavalcanti / No Alto da Tijuca, ou melhor na Gávea, ou melhor ainda, no lado de dentro de Ipanema".

Todavia, o mais próximo do Brasil que consegue chegar é Montevidéu – posto que assume em 1958.

Quando de sua saída de Los Angeles, um milionário americano não compreende a opção do cônsul que poderia permanecer mais tempo nos Estados Unidos. Esse raciocínio autocentrado receberá uma resposta nos mesmos termos, em um poema incluído sob a rubrica de "A lua de Montevidéu":

*Me diga sinceramente uma coisa, Mr. Buster:*
*O Sr. sabe lá o que é um choro do Pixinguinha?*
*O Sr. sabe lá o que é uma jabuticabeira no quintal?*
*O Sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?*

Perguntas incompreensíveis para um estrangeiro, mas que dão ao poeta razões para retornar. É ainda em Montevidéu que surge, em 1958, um retrato do poeta como jovem, o que estava perfeitamente sincronizado com a postura de prazer perene e de novas conquistas amorosas de Vinicius. "O poeta aprendiz" recupera uma infância alegre e ativa, em versos breves e musicais (o poema viria a ser musicado), mostrando-o como um ser que coleciona achados do chão e ama todas as mulheres, tanto as vadias como as suas tias. Este texto é mais uma das poéticas de Vinicius, posta em prática em um viver, a partir dos anos sessenta, sob o signo da juventude, que vai incorporar um visual e um comportamento hippies. Há portanto uma inversão em sua trajetória. Aproxima-se de um discurso mais antiquado nos anos de estreia, assumindo posturas ascéticas e posições elitistas, para aos poucos se desfazer desta vestimenta pesada e ir redescobrindo e valorizando a maneira despojada da alma adolescente, que o torna contemporâneo de gerações bem mais novas.

O retorno sentimental às coisas do Brasil coincide com a recuperação simbólica do tempo da infância através da figura do poeta aprendiz, "um menino valente e caprino, um pequeno infante, sadio e grimpante".

Os anos fora do Brasil, a serviço do Itamaraty, ocupam um papel importante em sua produção, reconhecido pelo poeta que, ao organizar as obras completas, criou três rubricas para abrigar poemas: "Nossa Senhora de Los Angeles", "Nossa Senhora de Paris" e "A lua de Montevidéu" – sugerindo assim a relevância de sua estada no estrangeiro, que lhe deu uma poética do retorno.

Num poema incompleto que se dirige a Millôr Fernandes, "Poesia coligidas", Vinicius sente-se de volta à pátria amada: "sou apenas o filho pródigo e sinto-me ainda obnubilado / de beleza". Toda a grandeza da terra natal reaparece para o poeta, que a vê com outros olhos, valorizando as suas pequenas coisas, que antes passavam despercebidas. É nesse sentido que ele se enxerga, em outro texto, como "O poeta em trânsito ou o filho pródigo", descobrindo, em sua volta, a cidade antes habitada timidamente.

O mito do filho-pródigo está estreitamente vinculado à literatura de fundação da América, por abrir um caminho de fuga que culmina em outro de volta. É essa circularidade que encontramos em Vinicius, filho-pródigo que deixou sua terra para perder horizontes e depois retornou a ela, fundando-a em uma poesia marcada pelo sentimento local e pelo amor à mulher morenamente tropical. Octavio Paz, ao analisar o caso dos poetas latino-americanos do fim do século passado, detectou este movimento de fundação: "O caminho até Palenque ou até Buenos Aires passava quase sempre por Paris. A experiência destes poetas e escritores confirma que para voltar à casa é necessário primeiro arriscar-se e abandoná-la. Somente regressa o filho pródigo" (p. 19).

É essa experiência estrangeira ligada ao aguçamento da sensibilidade nacional que configura a face mais conhecida de Vinicius, a de intérprete de um povo que assume sua diferença pela tradição musical (afirmação de uma cultura africanizada), deixando a poesia mais erudita em segundo plano. Não podemos encarar isso como algo negativo, e sim como o encaminhar natural de uma poética que vai se desprendendo de conceitos centralizadores para se entregar aos eventos de um cotidiano de praias, bebidas, amizades, paixões e acasos. É assim que a poesia da distância, dentro da qual Vinicius estreara, vê-se irreversivelmente invertida na poesia da proximidade plena.

**Bibliografia**

CALVINO, Italo. *O caminho de San Giovanni.* São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira.* São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BUENO, Alexei (Org.). Poeta completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

MORAES, Vinicius. *Poesia completa e prosa* (org. Alexei Bueno). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

PAZ, Octavio. *Puertas al campo*. Barcelona: Seix Barral, 1981.

# Vinicius, Poeta e Diplomata, na Música Popular

*Ricardo Cravo Albin*

Dizer-se que a música popular brasileira é devedora – e muito – da poesia e da presença de Vinicius de Moraes é quase lugar-comum, repetido à exaustão em todos os manuais escolares. Menos usual, contudo, é dizer-se que se deve também à passagem de Vinicius pela MPB a inconveniência do apelido, "Poetinha", que lhe fora pespegado ao começo dos anos sessenta por duas razões. A primeira, pela maneira renitentemente carinhosa do poeta em usar e abusar do diminutivo "inho", aplicado a amigos, parceiros e até objetos do seu universo afetivo, como, por exemplo, o uisquinho, ou a cervejinha. E, finalmente, porque alguns amigos seus, jornalistas e cronistas do porte de Sérgio Porto e Antônio Maria, começaram a acarinhá-lo em citações e até crônicas pelo diminutivo, no exato momento em que sua popularidade pessoal subia à estratosfera, alavancada pela consagração mundial da bossa nova, a partir de 1962.

Eu sempre considerei a palavra "poetinha" preconceituosa. De início, ela era um afago apenas admissível aos mais íntimos. Depois, contudo, passou a ganhar a força dramática do próprio diminutivo, servindo, muitas vezes, para uma interpretação caolha e até maligna da obra, da poesia e até da pessoa do grande poeta, um ser humano superlativo. Ou seja, a ideia de "poetinha" passaria a ser aviltante, quase sinônimo, para muitas pessoas, de poeta decadente, de bicão da

literatura, de pândego, até de bufão de parolagens ou de festas etílicas em que se celebrassem, noite e dia, a indigência intelectual e as farras mais grosseiras.

Ao menos, nessa exata acepção de menosprezo e repugnância, a palavra "poetinha" teria sido dita pelo General Presidente Costa e Silva ao então Ministro das Relações Exteriores, José de Magalhães Pinto, quando o desligou da carreira diplomática. Um caudilho de ocasião cortava-lhe abruptamente a profissão, que ele cumprira décadas a fio e da qual retirava seu sustento pessoal. Com efeito, tendo em vista o que constava do processo MRE 312.4/69, Vinicius foi aposentado em 29 de abril de 1969, pelo Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, como primeiro secretário da Carreira de Diplomata.

O ato colocava um ponto final a uma série de insatisfações do poeta com o governo militar que se encastelara no poder desde 1964. O fato é que nesse período – 1964 a 1969 – o reconhecimento público a Vinicius como compositor e cantor o elevara a uma posição única. Ele não era apenas o grande poeta de antologia, incensado pela crítica e pelos cadernos literários, mas também uma sólida liderança no meio musical do país, que vivia então um momento culminante, galardoado pelos polêmicos festivais da canção. Essa febre dos festivais começara nos meses iniciais de 1965, quando a televisão Excélsior de São Paulo lançou o primeiro deles, cujo ganhador seria, nada mais, nada menos, que Vinicius. A música intitulava-se "Arrastão" e nela o já consagrado letrista lançou Edu Lobo, um jovem cantor e compositor de quase vinte anos, filho do seu amigo de tertúlias musicais desde o começo dos anos 50, o jornalista e compositor Fernando Lobo. A intérprete da música foi a cantora gaúcha Elis Regina, também apadrinhada por Vinicius e cuja popularidade, que era nenhuma, começou a subir em nível meteórico, fazendo dela uma estrela de primeira grandeza em poucos meses.

Para surpresa geral, e também para consagração de Vinicius, o segundo lugar do mesmo festival ficou com "Valsa dos anos que não vêm", interpretada pela cantora Elizeth Cardoso e que era uma parceria sua com Baden Powell, violonista excepcional com quem ele começara a fazer música três anos antes. Aliás, esses festivais de música popular ajudaram muitíssimo a consolidar os novos talentos que neles viam a possibilidade única de se lançarem para todo o país. Porque, e pela porta dos festivais, tanto os do Rio quanto os de São Paulo, consolidaram-se nomes como Edu, Chico Buarque ("A Banda", 1966, FIC - Rio), Dori Caymmi-Nelson Motta ("Saveiros", 1966, Festival da

Record), Milton Nascimento ("Travessia", 1967, FIC - Rio) e muitos outros como Caetano e Gil, Martinho da Vila, Paulinho da Viola, Ivan Lins, Gonzaguinha, Aldir Blanc, dentre tantos.

Vinicius, é verdade, só ganharia o primeiro dos festivais, mas sempre estimulava novos e antigos parceiros a inscrever suas músicas. O último dos grandes festivais, a meu juízo, seria o Internacional da Canção do Rio, transmitido para o Brasil e para o mundo pela já poderosa TV Globo. Ali, travou-se a batalha musical entre "Sabiá" (de Chico Buarque e Tom Jobim) e "Caminhando" (de Geraldo Vandré). Vinicius estava no Maracanãzinho, torcendo discreta mas fervorosamente pelos amigos e parceiros Tom e Chico. Em determinado momento dirigiu-se ao júri, do qual eu fazia parte ao lado de outros amigos dele, como Eneida, Paulo Mendes Campos e Ary Vasconcellos, e me segredou com a doçura e delicadeza habituais: "– Olha, eu tenho certeza de que você vota no "Sabiá" apenas pela qualidade inquestionável da música. O meu medo é que os ânimos políticos estejam exacerbados e que a Eneida ou o Paulinho (Mendes Campos) e até o Ary, ou mesmo o Alceu Bocchino, votem politicamente no Vandré. E aí Tom e Chico se estrepam. "Vinicius concluiu com sabedoria sua fraterna recomendação: "Convença-os de que politicamente nós todos estamos ao lado do Vandré. Mas musicalmente nós temos que estar com Tom e Chico. Até porque isso é um festival de música. E se o público daqui quer a política e não a música, o público vai ficar ainda mais contra a ditadura, se o júri der o prêmio à música e não à política". Vinicius estava certo. Tudo o que previra foi o que aconteceu. Vandré perdeu, Tom e Chico ganharam, embaixo da mais injusta vaia que registra a história da música popular brasileira. E "Caminhando – Pra dizer que não falei de flores" acabou por se transformar num dos estopins da decretação do AI-5, que fez exilar centenas de brasileiros, inclusive boa parte dos envolvidos no festival. Além de castrar a carreira diplomática do já considerado maior letrista da MPB em seu tempo, o poeta Vinicius de Moraes.

Na verdade, esse embriagador interesse pela música popular chegaria muito cedo. Não fossem seus pais músicos amadores – Clodoaldo era violonista e Lídia pianista –, eu ficaria tentado a considerar que o tio Henrique de Mello Moraes, boêmio e melômano aficcionado por samba e choro, teria sido o maior responsável por fazer registrar na alma do menino Vinicius toda a sedução pela música popular carioca. Pois foi na casa dos pais, na Ilha do Governador, onde a família Moraes passou a morar a partir de 1922, em busca de melhores ares para a frágil Dona Lídia, que o futuro poeta abriu os

ouvidos – e o coração – ao choro, à seresta, à valsa e ao samba. Posso testemunhar, num encontro que promovi com Bororó, Pixinguinha e Vinicius no bar Gouveia – lá pelos idos de 1967, 1968 – que ouvi o poeta pedir a ambos que se recordassem do repertório que era executado nos saraus da Ilha em 22, onde eles iam levados pelo Mello Moraes. No que Pixinguinha cantarolou uma valsa – cujo nome me foge – os olhos claros de Vinicius foram ficando vermelhos e encheram-se de lágrimas. Era a música preferida de Dona Lídia, que a acompanhava ao piano enquanto o som da flauta de Pixinguinha adentrava o jardim coberto de manacás, rosas e buganvílias. O som agudo perpassava pelos tranquilos chalés da vizinhança e possivelmente chegava a atingir a praia de Cocotá, onde passeavam namorados, bêbados ou pacatas donas de casa, todos em busca do frescor da noite perfumada. Vinicius, no segundo livro que publicou, *Forma e exegese*, em 1935, fala da Ilha do Governador de sua infância:

*Esse ruído dentro do mar invisível são barcos passando*
*Esse ei/ou que ficou nos meus ouvidos são os pescadores esquecidos*
*Eles vêm remando sob o peso de grandes mágoas*
*Vêm de longe e murmurando desaparecem no escuro quieto.*

Não seria essa, certamente, a Ilha de hoje, cercada por favelas onde se homiziam quadrilhas de traficantes que matam entre si. O poeta jamais poderia imaginar que seria aquela a mesma Ilha que hoje abriga o aeroporto internacional, cujo nome é Antônio Carlos Jobim, a maior dentre todas as homenagens prestadas a seu parceiro, o primeiro e o mais famoso dentre todos os demais.

Em 1924, pela mesma época que frequentava saraus na Ilha, Vinicius entrou no Colégio Santo Inácio, em Botafogo. Logo ingressaria no coro, confirmando o encanto pela música. Foi ali que conheceu os irmãos Paulo e Haroldo Tapajós, ambos igualmente tocados pelo fascínio da música popular. A tal ponto que colecionavam os velhos e pesados discos 78 RPM de Aracy Cortes, Vicente Celestino e dos Oito Batutas, formação orquestral liderada por Pixinguinha. Paulo emprestava alguns desses discos a Vinicius, que os ouvia com unção na *victrola* paterna, entre um e outro intervalo dos pesados deveres escolares do curso que já se aproximava do final. Em 1927, cursando o último ano do Santo Inácio, o poeta esboça sua primeiríssima tentativa de fazer música popular para valer. Formou, junto com Haroldo e Paulo Tapajós,

um conjunto que tocava em festinhas nas casas dos amigos. Curioso notar-se que, pela mesma época, meninos um a três anos mais taludos formavam, em outro ponto da cidade, Vila Isabel, o esboço inicial do "Bando dos Tangarás", cujo núcleo estava também em colégio de padres, o São Bento. O conjunto era liderado por um talento precoce chamado Noel Rosa, que logo depois injetaria toda sua veia poética exclusivamente na música popular, e que tinha como parceiros Braguinha (o João de Barro) e Almirante. Enquanto Noel compunha no Tangarás sua primeira música, "Minha Viola", na forma matuta (então muito em voga pelo sucesso do conjunto "Turunas da Mauriceia"), Vinicius estreava com um *foxtrot* bem ao gosto da música americana. Chamava-se "Loura ou Morena". Portanto, em 1928, na flor dos quinze anos, ele antecipava uma singular apetência em relação a todos os tipos de mulheres:

*Se por acaso o amor me agarrar*
*Quero uma loura pra namorar*
*Corpo bem feito, magro, perfeito*
*E o azul do céu no olhar*
*Quero também que saiba dançar*
*Que seja clara como o luar*
*Se isso se der, posso dizer*
*Que amo uma mulher*
*Mas se uma loura eu não encontrar*
*Uma morena é o tom, uma pequena*
*Linda morena, era o ideal*
*Mas uma lourinha não era mal*
*Cabelo louro vale um tesouro*
*É meu tipo fenomenal*
*Cabelos negros têm seu lugar*
*Pele morena convida a amar*
*Que vou fazer?*
*Ah! Eu não sei como é que vai ser*
*Olho as mulheres, que desespero*
*Que desespero de amor*
*É a lourinha, é a moreninha*
*Meu Deus, que horror!*
*Se da morena vou me lembrar*

*Logo na loura fico a pensar*
*Louras, morenas*
*Eu quero apenas a todas glorificar*
*Sou bem constante*
*No amor sou leal*
*Louras, morenas, sois o ideal*
*Haja o que houver*
*Eu amo em todas, somente a mulher.*

O *foxtrot*, musicado pelo Haroldo Tapajós, seria gravado, em 1932, por Paulo e Haroldo, em dupla, iniciando historicamente as carreiras dos irmãos, especialmente Paulo, que jamais deixaria a música popular e o rádio. E, também, de Vinicius de Moraes, cujo gosto pela MPB teria curta duração, ao menos em seu início. Porque a partir dessa época, ele começa a priorizar a literatura e a Faculdade Nacional de Direito, onde ingressou no ano seguinte, 1929. Ali, o poeta trava relacionamento com uma de suas maiores influências, o romancista Octávio de Faria que, descobrindo e incentivando sua vocação literária, acaba por afastá-lo aos poucos, embora docemente, da sedução das vesperais e das noites de músicas, músicos e cantores, o que era considerado ao começo dos 30 a "boemia musical".

Octávio leva Vinicius a voos que ele considerava mais altos, o convívio com os escritores e pintores. Era um outro viés de boemia, a "boemia intelectual". Por essa época, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Mário de Andrade ficaram seus amigos. Este último, segundo o próprio Vinicius me testemunhou, era um dos poucos amigos intelectuais que ao vê-lo sempre lhe pedia opiniões sobre a música popular carioca, seus cantores e compositores.

Em 1933, ano em que terminou os cursos de Direito e do CPOR (Centro de Formação de Oficiais da Reserva), dá a lume seu primeiro livro, *O caminho para a distância,* pela Schmidt Editora (do poeta Augusto Frederico Schmidt), edição recolhida depois pelo autor. E lança também o fox *Dor de uma saudade* (música de J. Medina), além de *Namorado da lua, Canção para alguém, Diga, moreninha e Doce ilusão,* todas com música de Haroldo Tapajós, sendo duas delas gravadas e lançadas pela Victor, mas sem maiores repercussões. A falta de reconhecimento público de suas músicas iniciais fez o poeta dedicar-se com afinco à literatura, o que lhe permitiu prazeres mais suculentos, como o Prêmio Felipe d' Oliveira para o livro *Forma e Exegese*, concorrendo com Jorge Amado, aliás uma sua admiração. Foi, portanto, a

partir da literatura, e não da música, que começou a ser falado e reconhecido nos círculos intelectuais do Brasil, a partir dos anos 30, década, de resto, vertiginosa para o seu desabrochar público. Assim é que em 1936, mesmo ano em que começa a brilhar com intensidade a estrela de Orlando Silva, a quem Vinicius consideraria o maior cantor do Brasil, ele é designado para a talvez mais incompreensível de suas funções, a de censor cinematográfico. Representando o Ministério da Educação e Cultura, terá sido o mais amável dos censores, liberando praticamente todos os filmes. No que quase sempre não era acompanhado pelos demais colegas, rígidos e furibundos, como era mesmo de se esperar dos guardiões da moral pública do regime autoritário instituído pela Constituição Polaca de 1937. Vinicius se desvencilha das funções de censor, quando, em 1938, ganha uma bolsa do Conselho Britânico para estudar língua e literatura inglesas na Universidade de Oxford, de onde retornaria no ano seguinte, ao eclodir a Segunda Grande Guerra.

Chegando ao Rio em 1939, mergulha, como nunca, dentro da alma carioca que, apesar do começo da guerra, resplandecia na música popular. Afinal, o Rio vivia as rebarbas da época de ouro, que trouxe a opulência do rádio e do disco elétrico, além de centenas de canções que varavam o Brasil como setas sonoras, projetadas por um exército cada vez maior de compositores e intérpretes. Carmen Miranda era a estrela absoluta do rádio, do disco e do Cassino da Urca. Vinicius chegou até a ajudá-la, em 1939, na tradução das conversas entre ela e seu descobridor para o estrelato internacional, o produtor da Broadway Lee Schubert. Nas incursões por dentro da música popular, aliás, Vinicius tinha um passaporte fixo, seu tio Mello Moraes, dono de sólido prestígio junto a todo o universo musical carioca, que ia das estações de rádio e dos cassinos da Zona Sul às biroscas e tendinhas das fraldas dos morros cariocas, especialmente o da Mangueira, a lendária Escola de Samba de Cartola, Zé Com Fome (o Zé da Zilda) e Geraldo Pereira. Vinicius, aparentemente não escrevendo mais para a canção popular, mergulha de corpo e alma na noite carioca. Por essa época faz uma crônica que era testemunho do seu interesse pela MPB e cuja história lhe fora soprada por um jovem colega seu do Itamaraty.

Intitulada "Samba de Breque", a página narra uma historinha singular: o colega subia a Lopes Quintas, onde os pais de Vinicius moravam, e ao passar por uma pequena vila ouve o som de um cavaquinho, irrequieto e saltitante. O jovem pára, hipnotizado pela magia do instrumento executado, e resolve adentrar a casa. Depara-se, contudo, com uma cena insólita. No meio da

sala um pequeno caixão de defunto era velado por senhoras cabisbaixas e soluçantes. Ele olha a cena e, constrangido, prepara-se para sair, quando a mãe da criança-defunta, toma-lhe pelo braço e o leva a um outro aposento, onde o cavaquinista – olhos injetados pela vermelhidão do sofrimento – pede que ele fique alguns minutos mais, porque tem uma coisinha para lhe mostrar. Perplexo, o jovem ouve o pai do menino morto cantar, entre soluços, o seu novo samba de breque, acabado de compor:

*A minha mulher sem fala*
*E no ambiente flores mil*
*E sobre a mesa*
*Todo vestido de anjinho*
*O Manduca, meu filhinho*
*Tinha esticado o pernil.*

E aí o homem dava uma paradinha, respirava fundo e finalizava com o breque surpreendente, quase insultuoso, não fosse a acachapante ingenuidade de compositor popular:

*O meu filhinho*
*Já durinho*
*Geladinho...*

Em 1941, Vinicius de Moraes abraça uma outra profissão, a de jornalista, empregando-se como crítico de cinema no jornal *A Manhã*, mas colaborando também no seu suplemento literário e ainda na revista *Clima*, dirigida pelo crítico Antônio Cândido.

O espírito ardente e inquieto do poeta logo o faria envolver-se em uma polêmica sobre cinema, cujas raízes estavam plantadas em intelectuais franceses: ele começa a defender, apaixonadamente, a integridade estética do cinema mudo de dez, quinze anos antes. A polêmica se espalhou e a Vinicius ficaria pespegado, por algum tempo, o rótulo de "crítico reacionário e passadista". Aliás, essa paixão pela imagem – e pelo cinema – marcaria seu primeiro casamento com Beatriz Azevedo de Mello Moraes, a Tati, intelectual de esquerda e também crítica de cinema durante muitos anos seguintes. Os filhos do casal, Susana (1940) e Pedro (1942) vieram a abraçar a imagem. A primeira seria cineasta e o segundo, fotógrafo.

Enquanto desenvolvia sua polêmica atuação de crítico de cinema, começa a preparar-se para aquela que seria a sua verdadeira profissão, depois, é claro, de poeta, escritor e boêmio: a de diplomata. Aconselhado por Oswaldo Aranha, Vinicius resolve prestar exames para o Itamaraty.

A escolha da diplomacia não lhe terá sido uma súbita paixão ou uma vocação irresistível. Antes, a vida diplomática lhe propiciaria a paz necessária para elaborar sua obra e também, por que não?, para consolidar a repercussão internacional que sua poesia já esboçava. O Itamaraty, pois, foi uma escolha pragmática, e não apaixonada. Até porque Vinicius, em nenhum momento, deixou de ser o poeta, o escritor, o espírito livre de amarras, ante qualquer circunstância funcional. Especialmente naquela que eu considero como sua última fase de diplomata, a de seu reconhecimento público como estrela da música popular, que vai de 1956 – com a encenação de *Orfeu da Conceição* e com o início da parceria com Antônio Carlos Jobim – até 1969, quando é aposentado compulsoriamente pelo Ato Institucional nº 5. Já a primeira fase do diplomata Vinicius é mais amena, aquela que vai de sua nomeação em 1943 até sua entrada definitiva como compositor de música popular, em 1956.

Foi nomeado para o cargo inicial da carreira de diplomata, classe J, do Quadro Permanente, por decreto de 10 de dezembro de 1943, assinado pelo Presidente Getúlio Vargas e pelo Chanceler Oswaldo Aranha. No dia seguinte, o chefe do Departamento de Administração, Carlos Alves de Sousa, comunica à Casa a designação do poeta para a Divisão Econômica e Social, onde, em apenas um mês de serviço, recebe do Ministro Mário Moreira da Silva as notas máximas (cem pontos) no processo de confirmação dos funcionários recém-admitidos, aos quais eram conferidos pontos em itens, até bizarros hoje, como discrição, pontualidade, iniciativa, urbanidade, capacidade intelectual, disciplina, dedicação ao serviço e – surpresa maior! – caráter.

Aliás, em relação a dois desses itens, discrição e disciplina, o poeta viu-se metido em sério apuro dois anos depois de nomeado. O fato ocorreria no limiar do processo de redemocratização de 1945. O escritor Aníbal Machado, cujas tertúlias literárias o poeta frequentava no casarão de Ipanema, solicitou – como presidente da Associação Brasileira de Escritores – sua dispensa de ponto no Itamaraty. Seriam dez dias, 22 de janeiro a 2 de fevereiro de 1945, para integrar a delegação carioca ao Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo.

O Cônsul Vinicius foi ao Congresso com dois outros colegas de Ministério, o Secretário Jayme de Azevedo Rodrigues e o Cônsul Lauro Escorel Rodrigues de Moraes. Os três tiveram o topete de assinar um manifesto em que, como funcionários de carreira, pediam a volta do estado de direito e desancavam o próprio governo a que serviam. O documento, amplamente publicado pela imprensa carioca e paulista, provocou fúria em alguns chefetes dos três diplomatas, que só não foram demitidos porque isso poderia enfraquecer ainda mais o governo, já cambaleante. Instado por escrito pelo chefe do Departamento de Pessoal, Ministro José Roberto de Macedo Soares, a confirmar suas declarações, respondeu em seco memorando datado de 12 de março de 1945: "Em resposta ao *memorandum* pelo qual pede-me Vossa Excelência informar se a inclusão do meu nome entre os signatários do Manifesto da Associação Brasileira de Escritores é autêntica, tenho a honra de levar ao seu conhecimento que ela é autêntica. Respeitosamente. Vinicius de Moraes, Diplomata, Classe J."

O Brasil efervescia em 1945, enquanto a guerra acabava. Vargas caía e todos queriam passar o velho mundo a limpo. Vinicius também efervescia, ou melhor, resplandecia na construção de novos poemas e na sofreguidão da vida boêmio-intelectual exercida em horas intermináveis nos bares Amarelinho, Vermelhinho e Vilarinho. Era o tempo da entrega aos amigos, onde ele amadurecia e se tornava mais sábio no confronto das ideias, regadas pelo convívio ameno e pela bebida abundante. Paralelamente ao circuito dos bares em "inho" do centro da cidade (Amarelinho, Vermelhinho e Vilarinho) e à doação aos amigos, Vinicius começa a marcar presença no jornalismo, tornando-se cronista e esgrimindo sua velha paixão, a crítica de cinema.

Em 1946, é destacado para seu primeiro posto no exterior, Los Angeles, não sem razão capital mundial do cinema, sua permanente sedução. Ali, Vinicius permaneceria entre 16 de julho de 1946 a 5 de setembro de 1950, ocasião em que foi designado Cônsul de 2ª classe, por antiguidade, apesar de ter sido sempre avaliado com notas máximas por seu colega Sérgio Corrêa da Costa, intelectual como ele e que era o seu chefe imediato. Aliás, ambos chegaram a ser tão amigos, que fizeram juntos um roteiro cinematográfico – hoje infelizmente perdido – a que intitularam "Boulder Dam", uma citação à grande represa americana.

Logo que desembarca na Califórnia, Vinicius procura Orson Welles, a quem conhecera nas noites boêmias do Rio, especialmente no Cassino da Urca. O cineasta havia passado alguns meses no Brasil, tentando filmar o

inacabado *It's all true*, quando se encantou pelo carnaval carioca e pela sedução dos ritmos brasileiros e de seus intérpretes. O poeta foi logo dizendo que queria uma indicação para fazer um curso de cinema, ao que Welles respondeu com sua voz grave, quase pastosa: "– Você não vai fazer nada disso, que é perda de tempo. Quando eu filmar, eu lhe chamo e você aprende cinema de maneira direta. É mais inteligente". Dito e feito. Se Vinicius não aplicou os ensinamentos práticos de Welles, foi porque não quis, já que acompanhou toda a filmagem de dois clássicos do Orson Welles, *A Dama de Xangai* (com Rita Hayworth, mulher do diretor) e *Macbeth.* Mas nem só de cinema alimenta-se ele em Los Angeles. O jazz entra em sua vida através de mestres como Louis Armstrong e Dizzy Gillespie ou ainda da novíssima música que começava a aparecer nos Estados Unidos, o West Coast Jazz, salpicada de estrelas jovens como Stan Kenton e Chet Baker, músicos que inspirariam os garotos da bossa nova, no Rio a partir de 1957 ou 1958.

O pai Clodoaldo morre em 1950 e Vinicius resolve voltar ao Brasil, permanecendo lotado na Chancelaria, do final de 1950 até 1953. Convém registrar que em Hollywood, contudo, o poeta não só aproveitou para construir sólidos poemas e conviver de perto com figuras do cinema que lhe eram míticas, quase inacessíveis. Desenvolveu uma intensa amizade com Carmen Miranda, a quem ele conhecia desde os tempos do Cassino da Urca. Frequentando-lhe a casa, mansão milionária plantada no setor mais exclusivo das grandes estrelas do cinema em Beverly Hills, o poeta e diplomata conviveu, mesmo distante, com toda a atualidade da MPB. A casa de Carmen era uma embaixada, viva e reluzente, por onde passavam quase todos os brasileiros que iam parar em Los Angeles, especialmente compositores, músicos e intérpretes ligados à cantora. De resto, seus amigos e admiradores do Rio a mantinham informada de tudo que se passava no meio musical carioca.

Quando resolveu retornar ao Brasil, um milionário americano, um certo Mr. Buster – possível apelido jocoso pespegado a um certo amigo americano mantido anônimo – disse-lhe que na compreendia como ele voltaria para a Latin America pobre, tendo o direito de ficar um ano ainda em Los Angeles. O poeta, posto em brios, e esvaindo-se em saudades, não perdeu tempo e fez um poema:

> *Olhe aqui Mr. Buster: está muito certo que o senhor tenha um apartamento em Park Avenue e uma casa em Beverly Hills.*
> *Está muito certo que em seu apartamento em Park Avenue*

*O senhor tenha um caco de friso do Parthenon*
*E no quintal de sua casa em Hollywood o senhor tenha um poço de petróleo*
*Trabalhando de dia para lhe dar dinheiro e à noite para lhe dar insônia*
*Está muito certo que em ambas as residências o senhor tenha gigantescas geladeiras*
*Capazes de conservar o seu preconceito racial*
*(...)*
*Está tudo muito certo, Mr. Buster – o senhor ainda acabará governador do seu estado*
*E sem dúvida presidente de muitas companhias de petróleo, aço e consciências enlatadas*
*Mas me diga uma coisa, Mr. Buster*
*Me diga sinceramente uma coisa, Mr. Buster*
*O senhor sabe lá o que é um choro de Pixinguinha?*
*O senhor sabe lá o que é ter uma jaboticabeira no quintal?*
*O senhor sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?"*

No Rio, Vinicius de Moraes decide enveredar por dentro do jornalismo com mais firmeza. Trabalhando no Palácio do Itamaraty da velha Rua Larga, o poeta mantém no jornal *Última Hora*, uma participação muito ativa, assinando uma crônica diária que tinha o título genérico de "Na hora H". Ao final de 1952, está lotado num setor burocrático chamado Comissão de Organismos Internacionais e ali recebe um diplomata em cargo inicial, Afonso Arinos de Melo Franco, filho de querido amigo seu, também intelectual de primeira linha.

O jovem Afonso, futuro integrante da Academia Brasileira de Letras (em 1999), afeiçoa-se ao poeta e testemunha uma outra faceta singular do Vinicius jornalista. Certa tarde, o contínuo da *Última Hora*, que diariamente recolhia a matéria do colaborador e lhe entregava correspondência, chegou ao Itamaraty com uma enorme caixa entupida de cartas. Afonso, entre surpreso e curioso, pergunta-lhe se aquela montanha de correspondência era para ele. "– Não, é para a Helenice", responde o poeta meio sem jeito. Helenice era a titular do consultório sentimental que era publicado no semanário *Flan*, editado pela *Última Hora* a cada domingo, onde também escrevia Otto Lara Resende. Muita gente imaginava que a coluna "Helenice" pudesse ser

feita (ou ao menos inspirada) por Helle-Nice, mulher francesa de notoriedade no Rio intelectual dos anos 30. Ela era uma senhora de hábitos considerados avançados para a época – cigarro sempre à boca, lábios muito vermelhos, roupas ousadas, decotes escandalosos. Helle-Nice dava-se ao luxo de ser corredora de automóveis e disputou várias vezes o circuito da Gávea, lá pelos anos de 37 a 39. Ficou célebre na crônica automobilística o acidente ocorrido com sua baratinha azul de corrida, quando uma roda do carro soltou-se e matou quatro pessoas.

"– Mas, Vinicius, e por que essas cartas todas vêm para você e não vão para a Helenice?", questionou Afonso. "– Ora, Afonsinho, a Helenice sou eu. Desse modo, o jornal me paga mais um bom dinheirinho... Ah! se você quiser saber o porquê da montanha de correspondência, é devido à receita secreta contra a perda de cabelo que eu prometi dar para quem me escrevesse. Aliás, é ótima, você ainda não precisa, mas se algum dia quiser, anote aí: escove o couro cabeludo com uma escova de pelos de arame e lave bastante com sabão Aristolino. É tiro e queda!"

Naquela altura, início dos anos 50, o eixo da boemia musical se deslocara da Lapa para as boates de Copacabana. O samba-canção dolorido, em que corações despedaçados e amores frustrados eram a tônica forte, estava em franca ascensão junto ao gosto do público. Havia um dado novíssimo e estimulante no *front* da música carioca. Era o interesse de poetas e jornalistas, muitos deles ligados a jornais, como Antônio Maria, Fernando Lobo, Reynaldo Dias Leme, Sérgio Porto, Ricardo Galeno, em ingressar na canção popular para cantar a solidão ou a dor do amor. Mas não era uma *maladie d'amour* qualquer, porque, *helàs!*, era assumidamente inspirada no chique das caves francesas de Sartre e Simone de Beauvoir, onde o existencialismo transbordava angústia e solidão, personificadas no canto rouco e sombrio da musa Juliette Greco. Vinicius ficou impressionadíssimo quando seu amigo Antônio Maria – cujo comportamento intelectual e bagagem literária lhe eram familiares, até muito próximos – estreou como compositor da "fossa existencial" com "Ninguém me ama" e "Se eu morresse amanhã de manhã".

Em 1953, embriagado pela atmosfera *noire* em que mergulhara boa parte da música carioca, a mesma que estava sendo preferida pelo público, o poeta reestreia na MPB como letrista, justamente ao lado de Antônio Maria. E lança "Quando tu passas por mim", gravado quase ao mesmo tempo por Dóris Monteiro e por uma de suas melhores amigas, a cantora Aracy de

Almeida. Este samba-canção inicial do poeta ostenta uma letra de insuspeita qualidade:

*Quando tu passas por mim*
*Por mim passam saudades cruéis*
*Passam saudades de um tempo*
*Em que a vida eu vivia a teus pés*
*Quando tu passas por mim*
*Passam coisas que eu quero esquecer*
*Beijos de amor infiéis*
*Juras que fazem sofrer*
*Quando tu passas por mim*
*Passa o tempo e me leva para trás*
*Leva-me a um tempo sem fim*
*A um amor onde o amor foi demais*
*E eu que só fiz te adorar*
*E de tanto te amar penei mágoas sem fim*
*Hoje nem olho para trás*
*Quando passas por mim.*

Segundo Afonso Arinos de Mello Franco, Vinicius escreveu o poema para Tati de Moraes, de quem começava a separar-se. Afonso saía com o poeta do Itamaraty e quase todos os dias caminhavam a pé até a redação da *Última Hora*, então localizada logo depois da Central do Brasil, a poucos quarteirões da Chancelaria. Ali ficavam conversando, numa rodinha só de homens, com Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, Nelson Rodrigues, entre outros. Tati, que assinava a crítica de cinema do jornal, passava para cima e para baixo, sem parar uma vez sequer, constrangida pelo estado deteriorado em que o casamento se encontrava. Enquanto dizia adeus a Tati com *Quando tu passas por mim,* começava a dar as boas vindas a Lila Bôscoli, com o *Poema para os olhos da amada*. Com ela, aliás, encontrava-se a cada noite no Maxim's da Avenida Atlântica, escala imediatamente posterior às rodas de amigos da *Última Hora.* Aliás, a nova e fulminante paixão era presenciada por outro grupo de fiéis escudeiros do poeta, a que não faltavam Sérgio Porto, Paulo Mendes Campos, Antônio Maria e Afonso Arinos de Mello Franco.

Com Aracy de Almeida, Araca, como chamava a quase inseparável amiga, Vinicius fundaria, junto com Fernando Lobo e Paulinho Soledade, um clube

que não era literário, nem sequer musical. O Clube da Chave era, na verdade, um clube criado somente para que os sócios degustassem bebidas: cinquenta sócios, todos com uma chavinha e um armário individualizado, onde se guardavam, única e exclusivamente, garrafas, muitas garrafas. A essa altura com oito livros publicados, começa a preparar a sua *Antologia poética* (que sairia em 1954) e, simultaneamente, passa a compor sozinho, fazendo também a música, atividade que até então ele não ousara desenvolver. Sua primeira música, *Serenata do Adeus* não só se imortalizou como uma das principais serestas dos anos 50, como também apresentou uma de suas letras mais arrebatadoras:

*"Ai, a lua que no céu surgiu*
*Não é a mesma que te viu*
*Nascer dos braços meus*
*Cai a noite sobre nosso amor*
*E agora só restou do amor*
*Uma palavra: adeus!*
*Ai, vontade de ficar*
*Mas tendo que ir embora*
*Ai, que amar é se ir morrendo pela vida afora*
*É refletir na lágrima um momento breve*
*De uma estrela pura cuja luz morreu*
*Ah! mulher, estrela a refulgir*
*Parte, mas antes de partir*
*Rasga o meu coração*
*Crava as garras no meu peito em dor*
*E esvai em sangue todo amor, toda desilusão*
*Ai, vontade de ficar*
*Mas tendo de ir embora*
*Ai, que amar é se ir morrendo pela vida afora*
*É refletir na lágrima um momento breve*
*De uma estrela pura cuja luz morreu*
*Numa noite escura, triste como eu.*

Logo depois o poeta dá a lume mais duas canções, letras suas feitas um pouco antes, ambas em parceria com o amigo Paulinho Soledade, "Poema dos olhos da amada"–

*Oh! minha amada que olhos os teus*
*São cais noturnos, cheios de adeus*
*São docas mansas, trilhando luzes*
*Que brilham longe, longe dos breus...*

– e "São Francisco" ("Que ia pela estrada, tão pobrinho..."), ambas gravadas entre 1954 e 1956.

Mas música popular ainda não dava dinheiro. Muito menos seu emprego de jornalista na *Última Hora* ou mesmo suas colaborações para revistas e suplementos literários. O remédio era pedir posto ao Itamaraty. Teve tanta sorte que, em vez de ser mandado para desterros como Afeganistão, foi enviado para Paris, onde ficaria de dezembro de 1953 até novembro de 1957. Como 2º secretário na Embaixada em Paris, Vinicius ostentava também a condição de personalidade brasileira, ou seja, era figura influente nos círculos culturais da capital francesa, relacionando-se com a fina flor da *intelligentsia* local. Autorizado a vir ao Rio em 1956, ele por aqui fica durante quase todo o ano. Um ano, diga-se logo, dos mais decisivos em sua vida. Especialmente porque foi o tempo suficiente para se definir pela paixão à música popular. Aliás, um pouco antes ele havia feito em Paris, numa manhã de saudades do Brasil, um samba-canção, *Bom dia tristeza*, que acabou por entregar à amiga Aracy de Almeida no Hotel Comodoro, quando em rápida viagem a São Paulo, só para entrevistá-la. Aracy gostou mais da letra que da música e pediu ao sambista Adoniran Barbosa para mexer na melodia. Nasceu assim, sem ele sequer saber, a parceria única de Vinicius com o rei do samba paulista (autor de delícias como *Saudosa Maloca* e *Samba do Arnesto*). A peça seria gravada por Aracy, como também por Maysa, pouco tempo depois. Nesse fértil começo de 1956, Vinicius comporia ainda uma série de canções semi-camerísticas com Cláudio Santoro, de que resultaram pérolas como *Acalanto da rosa, Amor e lágrimas, Pregão da saudade.* O maior dos projetos do poeta, todavia, era encenar a peça *Orfeu da Conceição*, que ele havia feito antes, inspirado, a meu ver, na adaptação cinematográfica que o poeta e desenhista Jean Cocteau levara à tela, ao finalzinho dos anos 40, com o ator Jean Marais fazendo um Orfeu contemporâneo, nos subúrbios de Paris do pós-guerra. Já a ação da peça do nosso poeta, toda em versos, se desenvolvia numa favela carioca, em dias de carnaval.

Vinicius conseguiu um financiador (setecentos contos) e um cenarista muito especial, o maior arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, cujo trabalho

imediatamente posterior, aliás, seria projetar a nova capital, Brasília. O ator Haroldo Costa faria o papel título. Mas ainda faltava o essencial, ou seja, quem fizesse a música, que, a essa altura, teria que ser popular mas sofisticada, genial mas de compreensão imediata. Procura daqui, procura dali, e nada. Alguns amigos do poeta, Sérgio Porto, Haroldo Barbosa e Lúcio Rangel, ficaram especialmente mobilizados para encontrar o parceiro ideal. Até que alguém lembra um pianista que, tocando em boates de Copacabana, começava uma carreira promissora de compositor e arranjador numa gravadora da época, a Continental, onde Braguinha (o João de Barro) era diretor artístico. Chamava-se Antônio Carlos Jobim, a quem Vinicius já havia visto pela noite de Copacabana, mas com quem ainda não havia conversado.

Uma certa tarde, o poeta bebericava no Vilarinho com amigos, quando entra o jovem Jobim, imediatamente apresentado por Lúcio Rangel a Vinicius de Moraes. Nascia ali não apenas o convite para o *score* musical da peça. Nasciam também, os dois maiores vultos da segunda metade do século XX em música popular brasileira: o letrista Vinicius e o compositor Tom Jobim. Nascia, finalmente, daquele encontro a mais bela coleção de canções da história da MPB, as canções da dupla Tom-Vinicius, cujas músicas iniciais, as do Orfeu, são *Lamento no Morro, Valsa de Eurídice*, *Mulher sempre mulher, Eu e o amor* e, especialmente a monumental *Se todos fossem iguais a você,* que ficaria meses a fio em todas as paradas de sucesso. Posteriormente, seria essa uma das canções mais executadas e cantadas do país. A trilha sonora da peça, registrada em elepê (da Odeo, em 10 polegadas), marcaria o início da escalada de Vinicius de Moraes por dentro da imortalidade da canção popular. E seu afastamento da literatura formal...

Em agosto de 1957, é removido para o Consulado Geral em Montevidéu, mas suas intensas atividades musicais, subitamente requisitadas mais e mais, só o deixariam assumir o posto muitos meses depois, em junho de 1958. Ficaria lotado no Uruguai até 1960. Mas sua cabeça e seu coração estavam definitivamente na música, que ele sabia que chegara, enfim, para tomá-lo por inteiro.

Vinicius vem ao Rio com constância. Sua produção se acelera e ele assiste à gravação do primeiro álbum de músicas, as suas e as de Tom. Irineu Garcia, dono da gravadora Festa, que se dedicara desde o começo dos anos 50 a fazer discos de poesia (com os próprios poetas declamando), grava e lança em 1957 o histórico *Canção do amor demais,* com arranjos de Tom, dos quais era estrela a voz perfeita de Elizeth Cardoso. Em duas dessas faixas,

um violão totalmente novo se ouvia. Era a primeira vez que a batida da bossa nova se apresentava. Exatamente em duas canções da nova dupla Tom-Vinicius, *Chega de Saudade* e *Outra vez.*

Estava lançado o primeiro registro da bossa nova, promovido e quase tramado pelo poeta dos olhos claros que amava o choro e o samba tradicional das biroscas cariocas. Por ironia, ficaria contra esses velhos gêneros musicais (indiretamente, é verdade) boa parte dos músicos da bossa nova que a partir daí se projetaria.

Se a Lapa emoldurou a época de ouro, os anos 30, Copacabana, o bairro, seria a quintessência do *habitat* da bossa nova. O Beco das Garrafas, composto por quatro casas, o Little Club, o Baccarat, o Bottle's e o Ma Griffe, desembocava na Rua Duvivier. Pouco adiante estavam o 36, o Carrossel, o Manhattan e o Michel, onde Vinicius e seus amigos davam sempre uma paradinha para ouvir Dolores Duran. Depois, na Gustavo Sampaio, reluziam o Arpège e o Sacha's.

O poeta circula com grande desenvoltura no final dos anos 50 por essa geografia etílica, onde em cada ambiente enfumaçado encontra amigos, música e quase sempre a possível aventura de uma paixão. Vinicius pontifica, na verdade, pela cidade toda, andarilho em busca de emoções, da beleza, dos afetos. Vive, como nunca, o destino do poeta. E cada vez mais se afasta do gabinete, do formal, da obrigação diária. A diplomacia se distancia, portanto. Mas o poeta, cujo prestígio pessoal começa a ser mitificado, é amigo do presidente JK, de quem recebe a encomenda de fazer uma *Sinfonia para Brasília,* tarefa de que ele se desencumbe com o parceiro Tom Jobim, e que é logo gravada em elepê de luxo (1960, capa de Oscar Niemeyer).

Enquanto a parceria com Tom prossegue a todo vapor – aparecem *Canção do amor demais, Amor em paz, Eu sei que vou te amar, Brigas nunca mais, Só danço samba,* entre outras duas dúzias de pérolas – mais um álbum com peças de Tom e Vinicius é editado em refinado acabamento musical: o elepê *Por toda a minha vida,* com a cantora semilírica Lenita Bruno, casada com o maestro Leo Perachi. E depois de muitas marchas e contra-marchas, sai finalmente o filme de Marcel Camus *Orfeu Negro,* todo filmado no Rio entre 1957 e 1958, produzido por um sujeito chamado Sacha Gordine, conhecido nas rodas cinematográficas francesas como "o rei do cheque sem fundo". Segundo o poeta, porém, Gordine era "boa gente" e só vivia em apuros porque fazia qualquer negócio para estar sempre filmando. Mesmo sabendo que podia ser enganado pelo produtor (e foi mesmo, porque

só receberia metade do que foi combinado), Vinicius lhe vendeu a história e se responsabilizou pela trilha sonora, encomendada a Tom (além das canções originais da peça, mais duas foram feitas especialmente, *Nosso amor* e *A Felicidade*) e a Luiz Bonfá e Antônio Maria (que compuseram *Manhã de Carnaval,* afinal, o grande sucesso do *score* musical do filme, para certo desapontamento de Tom e Vinicius). Havia ele pensado em exigir 2% da bilheteria, mas acabou não o fazendo, o que, segundo me confidenciou no Museu da Imagem e do Som, dez anos depois (1967), foi a maior besteira que fez em toda a sua vida. Na verdade, o êxito do filme no mundo inteiro o teria feito milionário até morrer, apenas com aqueles aparentemente irrelevantes dois por cento...

Em outubro de 1959 é promovido, por antiguidade, a cônsul de 1ª classe. Logo deixa Montevidéu, porque, convidado por Paulo Carneiro para servir na Delegação Brasileira junto à UNESCO, vai para Paris, onde passará quase dois anos. As vindas ao Rio, contudo, eram cada vez mais frequentes. A bossa nova começava a se encorpar. E uma novidade alvissareira surgiria: as melodias iniciais do parceiro Tom haviam conseguido penetrar no mercado americano, especialmente *Samba de uma nota só e Desafinado,* ambas feitas com Newton Mendonça. Vinicius, contudo, também entraria logo depois no maior mercado do mundo ao compor, também com Tom, a *Garota de Ipanema.* A história já é lenda, mas vale repeti-la aqui: estavam Tom e ele a bebericar no Bar Veloso, hoje Garota de Ipanema, quando o olhar de ambos é arrebatado pelo andar ondulante de uma jovem que, de maiô, caminhava em direção ao mar, ali em frente. Foi a justa conta para ser produzido, ali mesmo, o mote principal de *Garota de Ipanema,* em cujos versos Vinicius produziria uma descrição exata – e enxuta – da cena carioca, uma síntese perfeita que fica entre o bucólico e o sensual.

A música daria a sequência cronológica do êxito que foi o lançamento da bossa nova nos Estados Unidos, quando ocorreu o Concerto do Carnegie Hall, de que foi organizador outro colega e amigo do poeta, o diplomata Mário Dias Costa. Também em 1962, torna-se, finalmente, parceiro de Pixinguinha, seu amigo e sua máxima referência em música popular, quando o convida para dirigir musicalmente a trilha sonora do filme *Sol sobre a lama,* de seu amigo, o crítico e cineasta Alex Viany. Coloca então letra em dois choros do mestre, *Lamentos e Mundo melhor,* além de produzir um pequeno poema em francês para uma antiga valsa do enorme baú de melodias do Pixinguinha, que recebeu o nome de *Seule,* até hoje inédita.

Ainda neste ano começa a compor com Baden Powell de Aquino, a quem conhecera como solista de violão na Boate Arpège, quando Tom Jobim fazia mais um de seus *shows*. Os primeiros sambas da generosa safra com Baden foram feitos quase de uma tacada só. Vinicius levou o novo parceiro para sua casa de Petrópolis e ali se trancaram tendo por companhia uma caixa de uísque. Em menos de quinze dias estavam prontas jóias como *Samba em Prelúdio, Consolação, Apelo, Tem dó* e o *Samba da bênção*. Neste, o poeta pede a bênção à boa parte do olimpo centenário da MPB, começando por chamar-se a si próprio de "capitão do mato Vinicius de Moraes, o branco mais preto do Brasil, na linha direta de Xangô, saravá!".

O *Samba da Bênção* não apenas virou um dos cartões postais do poeta em quase todas suas apresentações públicas. Virou também um grande problema internacional para seus autores. Em 1964, servindo em Paris e integrando a delegação brasileira junto à UNESCO, o poeta conheceu o produtor Pierre Barouh. Com ele negociaria a venda de um argumento cinematográfico chamado *Arrastão,* que resultaria num filme "detestável", segundo Vinicius. Mais tarde, já no Brasil, Barouh pediu aos autores uma gravação especial do *Samba da Bênção*, prometendo-lhes incluir numa grande produção francesa.

Quase dois anos depois, em 1966, foi convidado a participar do cobiçado júri do Festival Internacional do Cinema em Cannes. Era o ano da apresentação do filme de Claude Lelouch *Um homem, uma mulher,* por sinal, grande êxito de público. Vinicius, contudo, teve dupla surpresa quando assistiu ao filme: a primeira, a de ouvir o seu *Samba da Bênção,* e a segunda, a de comprovar que nos créditos finais do filme era dada uma citação marotíssima que dizia apenas: "musique et paroles: Francis Lai et Pierre Barouh". Como se não apenas a canção título ("Un homme, une femme", sucesso mundial, de resto), mas também o "Samba da Bênção fossem genericamente da dupla francesa.

Vinicius reclamou, mas Claude Lelouch alegou que a simples inclusão dos nomes Vinicius de Moraes - Baden Powell custaria mais de 160 mil francos. O poeta ameaçou processá-lo. Lelouch, pressionado, incluiu o nome da dupla brasileira no filme, muito embora, ao que comprovou depois Vinicius, não em todas as centenas de cópias espalhadas pelo mundo inteiro...

Tão intensa, aliás, seria a temporada etílico-musical com Baden, entre 62 e 63, que internou-se numa clínica para desintoxicar-se, o que, de resto, fazia com prudente frequência, sempre acompanhado pelo médico Clementino

Fraga Filho. Ali, além de limpar o fígado, tinha ainda a missão de colocar letra no samba *Pra que chorar,* que Baden lhe entregara dias antes. O poeta me contou a seguinte historinha: "Mal me deitara, passei a ouvir um choro, um chorinho de mulheres que vinha do quarto ao lado. Levantei-me e dei com um velhinho à morte, cercado por duas velhinhas inconsoláveis. Voltei para meu quarto, passei a me inspirar no ato de chorar das velhinhas e terminei o samba alta madrugada. Nesse exato momento, o chorinho das velhinhas parou. Fui até lá, o velhinho estava morto e as velhinhas, ajoelhadas e contritas, rezavam um terço interminável".

Esse período todo, o decênio que medeia entre 1957 e 1967, marca o apogeu de Vinicius de Moraes como letrista de música popular, o que, segundo alguns críticos mais ortodoxos, define também seu afastamento da literatura. Sentia-se resplandecente com o acesso às massas brasileiras, o enorme público que só a extensão e o prestígio da música popular podem permitir. Sobre essa dicotomia, música popular ou literatura, eu ouvi do poeta certa noite no Antonio's, lá por 1968 ou 1969, uma sentida confissão feita a Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto e, creio, Fernando Sabino: "Você, Otto, está me cobrando mais um livro de poesia. Só que eu quero lhe dizer que o meu trabalho como letrista nesses anos todos dá para fazer de oito a dez livros. E mais: apenas uma ou duas dessas letras me rendem o dobro que dois ou três livros de literatura. E, finalmente, meu xeque-mate para esses críticos que me ficam a fazer cobranças. Essas canções dão-me muito prazer, porque minhas letras são reverenciadas por todos os brasileiros. A maioria – para minha glória – as cantas de dor, quando estão alegres ou tristes. Ou seja, o destino do poeta é esse mesmo, fazer de sua poesia uma arma para a emoção das pessoas. Portanto, eu recuso qualquer cobrança".

Vinicius, com efeito, trabalhou muitíssimo. Entre 1962 a 1967 são gravadas quase cem composições suas. O poeta participa intensamente de *shows* no Rio. Em 1962 comanda *Encontro,* ao lado de Tom Jobim, João Gilberto e Os Cariocas, com direção de Aluízio de Oliveira (na boate Au Bom Gourmet), quando são lançadas músicas dardejantes como *Garota de Ipanema, Só danço samba, Insensatez, Ela é carioca, Samba do avião* e o *Samba da Bênção.* Nessa mesma boate foi apresentada sua peça *Pobre menina rica* (com músicas de Carlos Lyra), que projeta Nara Leão e ainda pepitas da canção como *Primavera, Sabe você* e *Pau de arara.* Nesse ano grava o primeiro disco como cantor (para a Elenco), estreando ao lado da cantora-

atriz Odette Lara. Em 1964, aparece publicamente um novo parceiro de Vinicius, Francis Hime, com quem faz *Eu te amo, amor, Saudade de amor* e *Sem mais adeus.*

E ainda estreia na boate Zum-Zum um show memorável com Dorival Caymmi, que não só viraria disco (Elenco, de Aluízio de Oliveira) mas que também lançaria o Quarteto em Cy. Mas, em 1967, após a estreia do filme *Garota de Ipanema*, de Leon Hirshman, Vinicius começa a se afastar da intensa, sempre trepidante vida artístico-musical do Rio. Vai então organizar um Festival de Arte em Ouro Preto, onde fica uma temporada. Logo depois participa de *shows* em Lisboa com Chico Buarque e Nara Leão (1968), em Buenos Aires com Dorival Caymmi e Baden Powell (1968) e em Punta del Este com Dori Caymmi e Maria Creusa (começo de 1969).

Quando Vinicius de Moraes é desligado do Itamaraty, pelo Ato Institucional nº 5, em abril de 1969, o poeta pensa, inicialmente, em auto-exilar-se na Europa, onde boa parte de seus amigos já estava, inclusive Chico Buarque, além de Caetano, Gil, Vandré e tantos intelectuais, escritores, amigos e companheiros seus. Ele, contudo, decide resistir e fica no Brasil. Ferido com o afastamento da carreira diplomática, sua produção cai verticalmente, gravando em 1969 apenas uma única composição. Em contrapartida, volta a escrever, a fazer crônicas, a trabalhar para jornais. E descobre um novo parceiro, Toquinho, um violonista de São Paulo que era amigo de Chico Buarque. Logo Vinicius reencontra o sabor de fazer novas composições e lança e, 1970, dois sucessos populares, o *Samba da Rosa* e *Na Tonga da mironga do Kabuletê,* um título indecifrável mas que escondia um protesto solitário do poeta à censura, à repressão política e à sua própria aposentadoria do Itamaraty. Segundo o próprio autor, confidenciaria a boca pequena pelos bares do Rio, a expressão significava, em língua nagô, algo próximo a "vão todos à merda".

Entre 1970 e 1980, Vinicius de Moraes resiste aos governos militares, fazendo o que sabia e aquilo no que foi mestre: o exercício de sua sedução pessoal, encenando espetáculos em todo o país para os jovens do Brasil. Onde a poesia e a música se conjugavam para que o poeta destilasse, gota a gota, as emoções que brotavam do seu coração generoso e fiel aos destinos dos poetas clássicos. Isto é, viver como poeta, livre das amarras, liberto como um pássaro em pleno vôo, como a ele se referiu Drummond, com uma ponta assumida de inveja, ao fazer setenta e cinco anos de vida em 1975.

Pouco antes de morrer, o que ocorre aos 10 de julho de 1980, num dos prolongados banhos de banheira em sua casa da Gávea, mesmo bairro onde nascera em 1913, Vinicius sente-se pronto a retomar o filão da literatura. Copo de vinho ao lado, violão do Toquinho em frente e mulher nova (Gilda Mattoso) a acarinhá-lo de atenções e mesuras, o poeta grava para uma televisão, a meu pedido, a seguinte declaração de amor à vida e à beleza, uma precisa e cortante mensagem para a posteridade:

> *"Por isso que eu chorei tantas lágrimas para que não precisasses chorar, sem saber que criava um mar de pranto em cujos vórtices te haverias também de perder. E amordacei minha boca para que não gritasses e ceguei meus olhos para que não visses; e quanto mais amordaçado, mais gritavas; e quanto mais cego, mais vias. Porque a poesia foi para mim uma mulher cruel em cujos braços me abandonei sem remissão, sem sequer pedir perdão a todas as mulheres que por ela abandonei. E assim como sei que toda a minha vida foi uma luta para que ninguém tivesse mais que lutar, assim é o canto que te quero cantar..."*

# Vinicius de Moraes e a Pátria

*Felipe Fortuna*

Bacharel em Direito, identificado a um grupo de intelectuais católicos, Vinicius de Moraes, aos 23 anos, ainda procurava emprego. A família carioca de classe média pressionava o rapaz, que mostrara, com apenas 15 anos, notável talento de compositor – sobretudo com o sucesso do *foxtrot* "Loura ou Morena", composto em 1928, em parceria com os irmãos Paulo e Haroldo Tapajós. Mas numa carta escrita em Itatiaia e remetida à irmã, em 1936, o rapaz reclama da politicagem e das dificuldades que encontra para se posicionar, confessa que novamente fracassou, e brada nas linhas da sua missiva: *"Trata-se de meter a cara em outra porta. O.k., Brasil, let's go! Hei de trabalhar nem que seja por 200$000."*. No mesmo ano, consegue o pasmoso emprego de Censor Cinematográfico do Ministério da Educação, embora não seja do conhecimento geral, até o momento, o teor dos pareceres assinados pelo poeta.

É mais profunda do que se apresenta a cisão de Vinicius de Moraes em relação às experiências que viveu e às opções que fez: não se trata, apenas, de um poeta que iniciou carreira com livros de forte religiosidade e grandiloquência literária para desaguar, décadas depois, no letrista popular. Nele também se assiste ao católico que, em seguida, deixa de acreditar em Deus – e pratica, ao final da vida, uma forma sensual e até libertina de ecumenismo místico. Em relação ao emprego público que acabou por fazê-lo optar pela diplomacia, na qual ingressou em 1943, Vinicius de Moraes se

viu cada vez mais dividido, buscando sempre uma conciliação entre o funcionário e o compositor com incursões noturnas pelas casas de show. Há muita ironia quando o flagramos preocupadíssimo já no seu primeiro Posto diplomático, o Consulado Geral em Los Angeles, cidade em que acabara de escrever o poema "Pátria Minha". Nostálgico, seguramente tocado pelo tom melancólico da "Canção do Exílio", sentindo falta de tudo e de todos, o poeta está em dúvida sobre a reação que poderia provocar um verso do seu poema. Numa carta a Manuel Bandeira, de fevereiro de 1948, ele destaca o verso, para fazer uma pergunta em seguida: *"A minha pátria não é filha de negociante nem mulher de militar.* Diga se você acha se vão me despedir ou prender por causa. (...) Não quero trapalhadas *agora*. Estou pagando lentamente minhas dúvidas. (...) Depois podem me prender, se quiserem.".

O ex-Censor Cinematográfico agora se preocupa com censura - e logo percebe os conflitos nos quais sua arte poderia metê-lo. O poema "Pátria Minha" foi afinal publicado em livro anos depois – e, de fato, nele não se encontra aquele verso adverso: o autocensor falou mais alto. E talvez o verso tenha sido substituído por outros mais profundos e menos agressivos, a exemplo de

*Não te direi o nome, pátria minha*
*Teu nome é pátria amada, é patriazinha*
*Não rima com mãe gentil*

Eis, no entanto, a única cisão que o poeta jamais apresentou: a do sentimento nacional e genuinamente patriótico, no qual todo o ufanismo se transforma numa impressão intimista e melancólica, provocada pela distância que separa o poeta de *"Uma ilha de ternura: a Ilha / Brasil, talvez."*.

É com essa nota de derramado lirismo que o poeta inicia o poema:

*A minha pátria é como se não fosse, é íntima*
*Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo*
*É minha pátria. Por isso, no exílio*
*Assistindo dormir meu filho*
*Choro de saudades de minha pátria.*

Esse amor ao Brasil não foi adquirido apenas quando Vinicius de Moraes passou a representar o país diplomaticamente. Ainda estudante em Oxford,

graças a uma bolsa concedida pelo British Council, ele se envolveu em luta braçal com um estudante inglês que "disse à mesa coisas desairosas sobre o Brasil." Esse mesmo sentimento de defesa e desafio seria exibido, tempos depois, no poema "Olhe Aqui, Mr. Buster...", espécie de acerto de contas com a arrogância de um amigo norte-americano, contra o qual o poeta lançou mão da defesa de uma parte do patrimônio imaterial brasileiro:

*Mas me diga sinceramente uma coisa, Mr. Buster:*
*O Sr. sabe lá o que é um choro de Pixinguinha?*
*O Sr. sabe lá o que é ter uma jabuticabeira no quintal?*
*O Sr. sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?*

Ao longo da vida e da obra de Vinicius de Moraes, foram numerosas essas demonstrações emotivas pelos valores mais caros à nacionalidade. O sentimento de exílio e de desenraizamento costumava afligir o poeta até quando caminhava em ruas estrangeiras, como bem o mostra o "Poema de Auteil". Ali sobressaem espasmos de quem praticamente havia surtado de saudade. Mesmo quando a situação política no Brasil se agravou, e o diplomata se viu como que forçado a deixar Paris e regressar ao Itamaraty do Rio, não lhe faltava nem mesmo a lembrança da celebração do 7 de setembro. É o que demonstra, em 1964, uma carta famosa – porque também declamada num dos seus *shows* – na qual, dirigindo-se a Tom Jobim, ele faz nova declaração de amor: *"Deixei Paris para trás com a saudade de um ano de amor, e pela frente tenho o Brasil que é uma paixão permanente em minha vida de constante exilado. A coisa ruim é que hoje é 7 de setembro, a data nacional, e eu sei que em nossa Embaixada há uma festa que me cairia muito bem, com o Baden mandando brasa no violão. Há pouco telefonei para lá, para cumprimentar o embaixador, e veio todo mundo ao telefone. Estão queimando um óleo firme!"*.

O poema "Pátria Minha", por mais efusivo que fosse, atraiu a atenção de um poeta também diplomata, a quem notoriamente desgostava qualquer manifestação sentimental em literatura: João Cabral de Melo Neto. Foi ele quem editou 50 exemplares de uma plaqueta com o poema, em 1949, destinando-os aos amigos. Trabalho de artesão, saído da prensa manual que o poeta mantinha em Barcelona, a título de terapia para atenuar a forte dor de cabeça que o atacou durante décadas. Foi justamente ali pelo final dos anos 40 que a amizade dos poetas se tornou ainda mais sólida – com a

ressalva de que ambos escreviam poesia a partir de concepções integralmente opostas. Como demonstra a correspondência e o depoimento de amigos, o autor de *A Educação pela Pedra* (1966) sequer compreendia os arroubos românticos de Vinicius de Moraes, e chegou a declarar, numa entrevista, que o poeta de "Receita de Mulher" transformava o tema feminino em "abrigo de reações excessivamente subjetivas e até biográficas."

Está claro que, ao imprimir "Pátria Minha", a homenagem que o amigo pernambucano prestava ao amigo carioca não era de natureza estética, mas sim de ordem política. O que os distanciava por completo na poesia os unia muitíssimo no plano ideológico: os dois homens partilhavam sensibilidade muito semelhante para os problemas sociais, e defenderam em muitos momentos ideias marxistas que visavam à transformação da realidade. Nunca é demais recordar que o principal tema de *Morte e Vida Severina* (1955) é a fome e a razão econômica do latifúndio. Tampouco se pode esquecer que, em "O Operário em Construção", Vinicius de Moraes sataniza (valendo-se de uma citação de Lucas!) a relação entre patrão e empregado, fazendo surgir, entre outros, o tema da alienação da classe proletária:

*Não sabia, por exemplo*
*Que a casa de um homem é um templo*
*Um templo sem religião*
*Como tampouco sabia*
*Que a casa que ele fazia*
*Sendo a sua liberdade*
*Era a sua escravidão.*

A justaposição dos dois poemas e de suas similaridades e diferenças pode ainda ser estendida ao diálogo que, afinal, os dois poetas estabeleceram sobre seus estilos – a começar pela provocação de Vinicius de Moraes em "Retrato, à sua Maneira". O poema mereceu uma "Resposta a Vinicius de Moraes", na qual o poeta retratado se defende.

**RETRATO, À SUA MANEIRA**
**(JOÃO CABRAL DE MELO NETO)**

*Magro entre pedras*
*Calcárias possível*

*Pergaminho para*
*A anotação gráfica*

*O grafito Grave*
*Nariz poema o*
*Fêmur fraterno*
*Radiografável a*

*Olho nu Árido*
*Como o deserto*
*E além Tu*
*Irmão totem aedo*

*Exato e provável*
*No friso do tempo*
*Adiante Ave*
*Camarada diamante!*

**RESPOSTA A VINICIUS DE MORAES**
**Camarada diamante!**

*Não sou um diamante nato*
*nem consegui cristalizá-lo*
*se ele te surge no que faço*
*será um diamante opaco*
*de quem por incapaz do vago*
*quer de toda forma evitá-lo,*
*senão com o melhor, o claro,*
*do diamante, com o impacto:*
*com a pedra, a aresta, com o aço*
*do diamante industrial, barato,*
*que incapaz de ser cristal raro*
*vale pelo que tem de cacto.*

No poema de Vinicius de Moraes ao amigo, a maior provocação está na imitação do estilo (por isso mesmo, no retrato, à sua maneira). Em literatura, o conceito de *imitatio* – tão caro às ideias artísticas da Renascença – consiste

na apropriação de textos clássicos, para que sejam atingidos os ideais de beleza e de criatividade surgidos na Antiguidade. Por isso mesmo, a emulação tinha valor pedagógico, considerando-se que poderia estimular – e não tolher – a criação do poeta: haveria sempre uma relação reverencial com o passado. Sutilmente, Vinicius de Moraes inverte a cronologia obrigatória no processo de imitação, e passa a homenagear um poeta mais jovem. Descreve João Cabral de Melo Neto com os mesmos instrumentos criados pelo poeta pernambucano, e com igual dicção, como que transformando a originalidade em modelo a ser copiado. O resultado final é um poema que, na obra de Vinicius de Moraes, encontra-se completamente deslocado: não é nem mesmo um soneto, forma a que tanto se afeiçoou, e que foi decididamente repudiada pelo amigo nordestino. A pontuação quase inexistente – não fosse a exclamação final – e a oscilação por vezes confusa entre maiúsculas e minúsculas são os elementos fortes que traem o modelo, e induzem todo o retrato que está sendo elaborado a uma caricatura fraterna. Merece apreço, ainda, a seleção vocabular trazida pelo autor do retrato, que habilmente mistura a semântica mineral de João Cabral de Melo Neto (*pedras, calcárias, grafito, árido, deserto, diamante*) a um vocabulário nunca por este tematizado (*irmão, camarada, fraterno, aedo*).

O último verso do poema traz uma informação relevante, pois amplia a amizade entre os dois poetas a uma dimensão política: é ao camarada Cabral a quem Vinicius se dirige, como se aquele fosse um homem de partido. E está aí, mas nunca na concepção artística, o ponto de encontro. Tanto assim que a saudação final se transforma em epígrafe do poema de resposta, que também identifica em Vinicius de Moraes um camarada de igual dureza... O poema de João Cabral de Melo Neto não é, por sua vez, uma tentativa de retratar o amigo – mas uma autoexplicação de quem se acha "incapaz do vago" e, ironicamente, pede desculpas pela limitação.

O poeta pernambucano distinguia entre os que faziam e construíam a poesia e os que a encontravam em atitude de receptividade – como seguramente era o caso de Vinicius de Moraes. Na política e na diplomacia, ambos se encontrariam pelo menos uma vez mais com as dificuldades trazidas por suas opções. João Cabral de Melo Neto foi colocado em disponibilidade pelo Itamaraty, em 1953, acusado de subversão. E Vinicius de Moraes foi aposentado pelo AI-5, em 1968. Resta, no entanto, um elemento consolador na relação de amizade, em

que pesem as ressalvas críticas, e no projeto de uma Pátria melhor. A Pátria que pode ocasionalmente maltratar os seus admiradores genuínos, mas que consegue encontrar um tempo para reparar o erro.

# Turma Vinicius de Moraes (2001-2003): Excertos

*Palácio Itamaraty, 20 de abril de 2004.*

**Discurso do Ministro das Relações Exteriores,**
**Embaixador Celso Amorim**

(...)

Não posso deixar, também, de, num momento como este, lembrar que Vinicius de Moraes foi muito mais do que poeta e diplomata. Foi, também, uma fonte de inspiração para muitos de nós, e permito-me, Senhor Presidente, numa nota também pessoal, lembrar que o Embaixador Ruy Nogueira, hoje Subsecretário de Cooperação e há até pouco tempo Embaixador em Caracas, lia para nós poemas do Vinicius de Moraes, de quem ele era especialmente adepto, e conquistava nossos corações, mesmo que hoje não fosse sábado.

(...)

**Discurso do Paraninfo,**
**Ministro Rubem Antonio Corrêa Barbosa**

(...)

Junto-me a vocês na justa homenagem que prestam a Vinicius de Moraes, ao elegê-lo patrono da turma. Poeta maior e diplomata, intelectual e artista como vários de nossos pares, soube abrilhantar as cores da bandeira nacional com seu talento reconhecido dentro e fora do Brasil. Sinto que, obrigado a

afastar-se de nosso convívio, em virtude de decisões tomadas em outros tempos de nossa História, muito perdeu o Itamaraty, ao não poder continuar a tê-lo em seus quadros. Mais ganhou o Brasil, que pôde desfrutar por inteiro do talento, sensibilidade, carisma e simpatia deste destacado colega, que tinha no culto à liberdade e na máxima do amor eterno enquanto dure normas de vida de uma sabedoria talvez à frente de seu próprio tempo.

Carioca, como eu, Vinicius deixou nosso convívio em julho de 1980. Consultando dados relevantes de sua vida, encontrei, referente ao ano de 1979: participa de leitura de poemas no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, a convite do líder sindical Luís Inácio da Silva.

(...)

**Discurso do Orador,**
**Rubem Mendes de Oliveira**

(...)

Como patrono de nossa turma escolhemos um desses nomes de expressão cultural, o diplomata Vinicius de Moraes. Tendo ingressado no Itamaraty em 1943, Vinicius já era poeta e letrista reconhecido e premiado, pois bem antes desta data já havia publicado mais de um livro de poemas, e já havia igualmente lançado algumas de suas primeiras canções. Por essa razão, certamente, Vinicius se auto-definiu, no célebre "Samba da Benção", como "...poeta e diplomata", como a ressaltar, na ordem cronológica de suas atividades, aquilo que deveria ter sido também a ordem desejada para seu pai. Na bela e comovente "Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão", o filho Vinicius o apresenta como "...poeta e funcionário", revertendo a realidade da vida daquele que, também poeta talentoso, manteve a veia artística confinada à intimidade familiar em favor da segurança e regularidade do emprego público.

Tendo iniciado sua carreira nesta Casa na então Divisão Econômica e Social, o diplomata Vinicius obteve, apenas um mês depois de nomeado, a confirmação no serviço público com nota máxima na avaliação que levava em conta itens como discrição, pontualidade, iniciativa, urbanidade, capacidade intelectual, disciplina, dedicação ao serviço e caráter.

No exterior, Vinicius serviu em Los Angeles, em Montevidéu e na Delegação do Brasil junto à UNESCO, em Paris. A experiência do amor à pátria – experiência comum a todos nós nesta Casa - que se manifesta de

forma mais intensa quando estamos fora do Brasil, foi também objeto de sua poesia, em "Pátria minha", por exemplo:

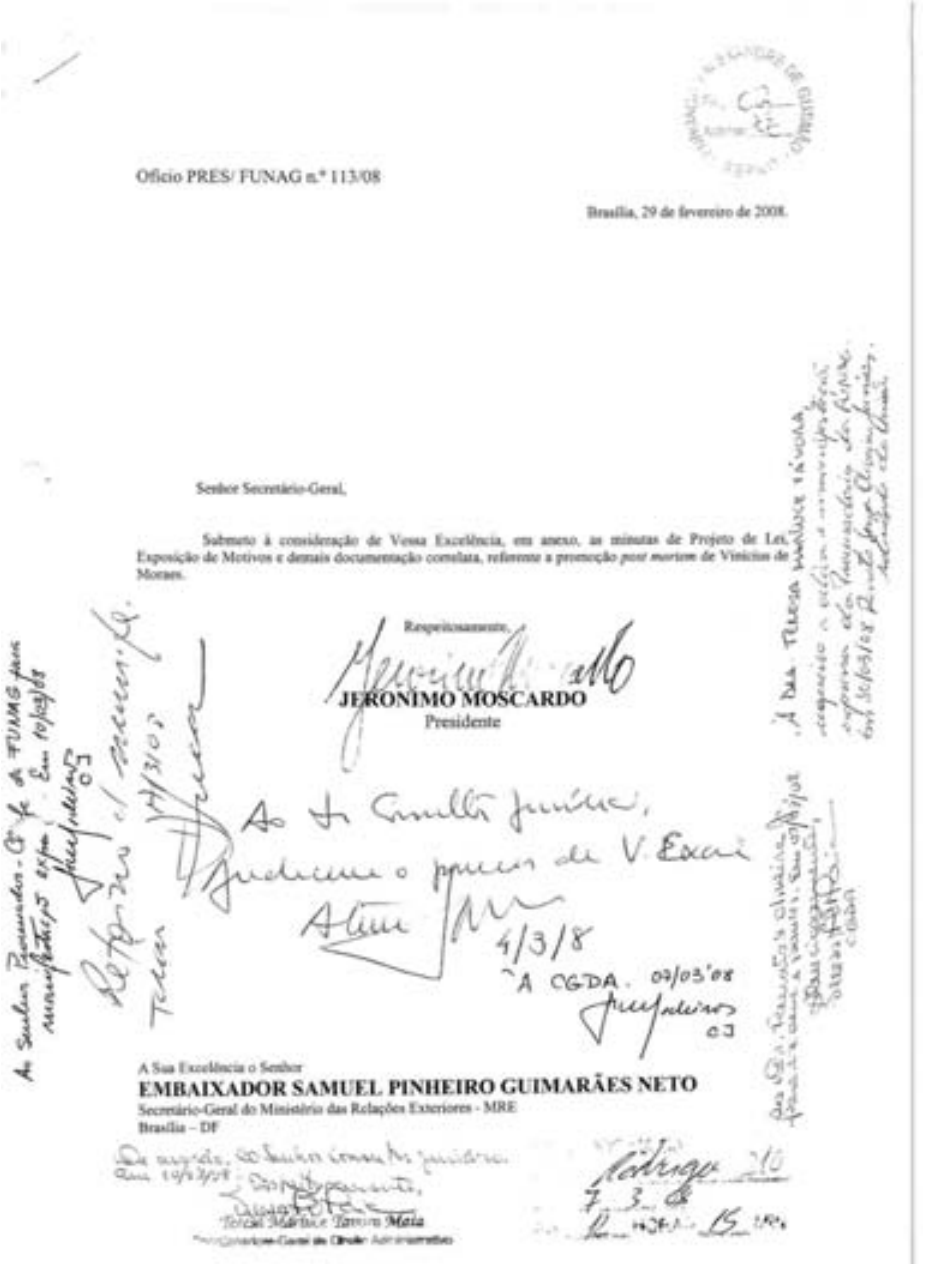
*"...Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa*
*Que brinca em teus cabelos e te alisa*
*Pátria minha, e perfuma o teu chão...*
*Que vontade me vem de adormecer-me*
*Entre teus doces montes, pátria minha*
*Atento à fome em tuas entranhas*
*E ao batuque em teu coração"*

Do mesmo modo, é essa experiência permanente da Pátria para a qual nos alertou o Barão do Rio Branco que encontramos na comovente alegria que Vinicius manifesta em "Do amor à pátria", quando, atravessando o oceano, consegue ouvir num rádio de ondas curtas uma emissora brasileira:

*"Adorável prefixo noturno, nunca te esquecerei!*
*Foste mais uma vez essa coisa primeira tão única como o primeiro amigo, a primeira namorada, o primeiro poema.*
*E a ti eu direi: é possível que o padre Vieira esteja certo*
*ao dizer que a ausência é, depois da morte,*
*a maior causa da morte do amor. Mas não do amor à terra*
*onde se cresceu e se plantou raízes, à terra a cuja imagem e semelhança*
*se foi feito e onde um dia, num pequeno lote,*
*se espera poder nunca mais esperar"*
(...)

(Fonte: FORMATURAS DO INSTITUTO RIO BRANCO (2004-2008): Discursos. Brasília: Funag, 2009)

# Tramitação no Poder Executivo



Ofício PRES/ FUNAG n.º 113/08

Brasília, 29 de fevereiro de 2008.

Senhor Secretário-Geral,

Submeto à consideração de Vossa Excelência, em anexo, as minutas de Projeto de Lei, Exposição de Motivos e demais documentação correlata, referente a promoção *post mortem* de Vinicius de Moraes.

Respeitosamente,

**JERONIMO MOSCARDO**
Presidente

A Sua Excelência o Senhor
**EMBAIXADOR SAMUEL PINHEIRO GUIMARÃES NETO**
Secretário-Geral do Ministério das Relações Exteriores - MRE
Brasília – DF

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

EMI MRE

Brasília, fevereiro de 2008.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Submeto à consideração de Vossa Excelência o anexo Projeto de Lei contendo proposta de promoção **post mortem** do diplomata Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes, conhecido em todo o mundo como Vinícius de Moraes, um dos maiores poetas e músicos do Brasil.

2. Diplomata de carreira, Vinícius de Moraes foi aposentado como Primeiro Secretário, em 29 de abril de 1969, em decorrência do Ato Institucional n.º 5.

3. O Governo Brasileiro está em dívida com Vinícius de Moraes, que embora atingido por decisão administrativa do Governo do General Costa e Silva, continua até o dia de hoje como um dos agentes mais eficazes na promoção da cultura brasileira. Com efeito, onde quer que se ouça "Garota de Ipanema", uma das músicas mais tocadas no mundo, aí estará a presença de Vinícius de Moraes, como embaixador do melhor do povo brasileiro.

4. Dessa forma, Senhor Presidente, levo à consideração de Vossa Excelência o Projeto de Lei que autoriza a promoção **post mortem** do diplomata Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes.

Respeitosamente.

Anexo à Exposição de Motivos do Ministério das Relações Exteriores nº , de de de 2008.

**1. Síntese do Problema ou da situação que reclama providências**

Proposta de promoção **post mortem** de Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes a Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata

**2. Soluções e providências contidas no ato normativo ou a medida proposta**

Projeto de Lei que promove **post mortem** Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes, mundialmente conhecido como Vinícius de Moraes a Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata.

**3. Alternativas existentes às medidas propostas**

Não se aplica

**4. Custos**

A implicação dos custos do presente Projeto de Lei será comportada na margem de crescimento vegetativo da folha de pagamento para o MRE, já prevista tanto na Lei Orçamentária de 2008, como no Projeto de Lei Orçamentária para 2008 – PLOA-2008, não havendo custo extraordinário a ser considerado.

**5. Razões que justificam a urgência (a ser preenchido somente se o ato proposto for medida provisória ou projeto de lei que deva tramitar em regime de urgência)**

Não se aplica

**6. Impacto sobre o meio ambiente (sempre que o ato ou medida proposta possa vir a tê-lo**

Não se aplica

**7. Síntese do parecer do órgão jurídico**

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

PROJETO DE LEI N.º , DE DE DE 2008

Promove **post mortem** o diplomata Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA,** faço saber que o CONGRESSO NACIONAL decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º É promovido **post mortem** a Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata o Primeiro Secretário Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes, mundialmente conhecido como Vinícius de Moraes.

Art. 2º Esta Lei entre em vigor na data de sua publicação.

Brasília, de de 2008, 187º da Independência e 120º da República.

# Artigo de Bernardo de Mello Franco, no Jornal O Globo

*O Globo, 28 de junho de 2009*

**Itamaraty usou AI-5 para investigar vida privada e expulsar diplomatas**

Bernardo Mello Franco

No período mais sombrio da ditadura militar, o Ministério das Relações Exteriores usou a segurança nacional como pretexto para violar a intimidade de funcionários e expulsar diplomatas que, segundo o próprio órgão, eram considerados homossexuais, emocionalmente instáveis ou alcoólatras. Documentos obtidos pelo GLOBO no Arquivo Nacional, vinculado à Casa Civil, provam que a homofobia e a intolerância pautaram o funcionamento da Comissão de Investigação Sumária, que fez uma caça às bruxas em todos os escalões do Itamaraty. O órgão secreto deu origem a 44 cassações em abril de 1969, no maior expurgo da história da diplomacia brasileira.

A comissão foi criada pelo ministro Magalhães Pinto e chefiada pelo embaixador Antônio Cândido da Câmara Canto, que teve 26 dias para confeccionar a lista de colegas a serem degolados com base no Ato Institucional no5. Em vez de perseguir esquerdistas, como fizeram outros ministérios na época, o Itamaraty mirou nos funcionários cujo comportamento na vida privada afrontaria os "valores do regime". Entre os aposentados à força, sem direito a defesa, estava o poeta e então primeiro-secretário Vinicius de Moraes.

Mantido em segredo há 40 anos, o relatório da comissão confirma que o ódio contra homossexuais foi o fator que mais pesou na escolha dos cassados. Dos 15 pedidos de demissão de diplomatas, sete foram justificados com as seguintes palavras: "Pela prática de homossexualismo, incontinência pública escandalosa". A lista segue com "incontinência pública escandalosa, decorrente do vício de embriaguez" (três casos), "insanidade mental" (mais três), "vida irregular e escandalosa, instabilidade emocional comprovada e indisciplina funcional" (um caso) e "desinteresse pelo serviço público resultante de frequentes crises psíquicas (um)".

Outros dez diplomatas "suspeitos de homossexualismo" deveriam ser submetidos a "cuidadoso exame médico e psiquiátrico" por uma junta de doutores do Itamaraty e da Aeronáutica. "Se ficar comprovada a suspeita que paira sobre esses funcionários, a comissão recomenda que sejam também definitivamente afastados do serviço exterior brasileiro", diz o relatório. Ao lado dos nomes, Magalhães Pinto anotou: "Chamar a serviço e submeter ao exame médico". Não há registros de realização das consultas.

A comissão ainda receitou penas como repreensão e remoção do cargo a cinco diplomatas por motivos como "demonstrações de irresponsabilidade" e "desmedida incontinência verbal". Também pediu a demissão de oito oficiais de chancelaria e 25 servidores administrativos, além de exame médico para verificar a orientação sexual de outros quatro.

A lista de afastamentos sumários inclui funcionários humildes, como oito serventes, cinco porteiros e auxiliares de portaria, dois motoristas e um mensageiro. Junto aos nomes, aparecem acusações vagas, como "embriaguez" e "indisciplina". De todos os pedidos de cassação, só os de dois oficiais de chancelaria indicam alguma motivação política. Trazem a explicação "risco de segurança". Outros documentos secretos mostram que eles eram acusados de simpatizar com o comunismo.

Entre os diplomatas cassados estava Arnaldo Vieira de Mello, que era cônsul em Stuttgart e acabara de ser promovido a ministro de segunda classe, penúltimo degrau na hierarquia da carreira. O episódio, anos depois, levou seu filho, Sergio Vieira de Mello, a buscar outra carreira. O diplomata brasileiro mais conhecido das últimas décadas se recusou a prestar concurso para o Instituto Rio Branco e foi trabalhar na ONU. Sergio — morto em 2003 num ataque terrorista em Bagdá — dizia não ver sentido em servir à casa que expulsou seu pai.

Os 13 diplomatas cassados na ocasião foram Angelo Regattieri Ferrari, Arnaldo Vieira de Mello, Jenny de Rezende Rubim, João Batista Telles Soares de Pina, José Augusto Ribeiro, José Leal Ferreira Junior, Marcos Magalhães Dantas Romero, Nísio Batista Martins, Raul José de Sá Barbosa, Ricardo Joppert, Sérgio Maurício Corrêa do Lago, Vinicius de Morais e Wilson Sidney Lobato.

Para compor a lista, a comissão recrutou informantes civis e militares. Sua primeira medida foi despachar circular telegráfica aos chefes de missão no exterior, intimados a entregar os nomes de servidores "implicados em fatos ou ocorrências que tenham comprometido sua conduta funcional". Arapongas das Forças Armadas cederam fichas individuais de mais de 80 diplomatas.

Também assinam o relatório os embaixadores Carlos Sette Gomes Pereira e Manoel Emílio Pereira Guilhon, que auxiliaram Câmara Canto na missão sigilosa. O chefe da comissão encerrou o texto com um autoelogio patriótico: "Tudo fizemos para atingir os objetivos colimados e preservar o bom nome do Brasil e do seu serviço exterior". O chanceler Magalhães Pinto devolveu o documento assinado e com uma ordem escrita à mão: "Recomendo que se cumpram as determinações".

Cinco integrantes da lista seriam poupados até a publicação das aposentadorias, por ato do presidente Costa e Silva. Perderam o cargo 13 diplomatas, oito oficiais de chancelaria e 23 servidores administrativos. Os decretos de cassação ocupam três páginas do Diário Oficial de 30 de abril de 1969.

**Preconceito interrompeu carreiras em ascensão**

O expurgo de 1969 interrompeu várias carreiras em ascensão no Itamaraty. O primeiro-secretário Raul José de Sá Barbosa servia na embaixada do Brasil em Jacarta quando recebeu um telegrama com a notícia da aposentadoria compulsória. Era considerado um dos melhores textos da sua geração de diplomatas. Aos 42 anos, encabeçava a fila de promoção por antiguidade. Ele atribui o afastamento ao fato de ser homossexual.

— Fui vítima de preconceito. Cortaram minha carreira, destruíram minha vida. Minha turma de Rio Branco tinha 15 pessoas. Todos viraram embaixadores, menos eu.

Barbosa sofreu uma pena adicional: passou dois meses na Indonésia recebendo apenas um salário mínimo, em cruzeiros. De volta ao Brasil, viu as dificuldades financeiras se agravarem. A discriminação, também:

— Muitos colegas que considerava amigos nunca mais me procuraram. Houve um silêncio acovardado da carneirada, do rebanho.

O diplomata se tornou um tradutor respeitado de autores como Charles Dickens e Virginia Woolf. Vive com poucos recursos numa casa em Santa Teresa, sozinho e com um cachorro.

O mais novo da lista era o segundo secretário Ricardo Joppert. Em abril de 1969, ele servia no consulado de Gotemburgo quando foi convocado a voltar às pressas para o Brasil. Ao embarcar num avião da Varig, leu num exemplar do GLOBO a notícia da sua aposentadoria. Tinha apenas 28 anos.

— Nunca escondi que era homossexual. Na época isso era visto como problema, porque a sociedade não estava preparada para encarar as minorias — analisa ele, que foi reintegrado em 1986 e hoje serve no Museu Histórico e Diplomático, no Rio.

Para a oficial de chancelaria Nair Saud, a demissão significou uma ruptura traumática com a casa onde conseguiu seu primeiro emprego, aos 17 anos. Aos 86, ela ainda não se conforma com a cassação por "risco de segurança", como indica o relatório secreto da Comissão de Investigação Sumária.

— Meu irmão ficou oito anos sem falar comigo. Disse que preferia ter uma irmã prostituta a uma irmã comunista. Era tudo mentira, porque eu nunca me meti com política. Mas gente que frequentava minha casa deixou de me cumprimentar, como se eu tivesse uma doença — emociona-se.

**Vinicius: vida boêmia vigiada de perto**

Como pode um poeta ameaçar uma ditadura? No caso de Vinicius de Moraes, o risco parecia ainda mais remoto. Nos anos 60, enquanto os militares caçavam comunistas, ele cumpria uma rotina inofensiva e movimentada. De dia, dava expediente como diplomata no Palácio do Itamaraty. À noite, fazia a ronda pelos bares de Copacabana, quando não estava no palco de boates ao lado de colegas da bossa nova como Tom Jobim e Nara Leão. Com os livros, os discos e os sucessivos namoros e casamentos, às vezes simultâneos, sobrava pouco tempo para pensar em política. Mesmo assim, os arapongas mantiveram vigilância cerrada sobre os passos do poetinha.

Um dossiê secreto do Serviço Nacional de Informações (SNI) a que O GLOBO teve acesso revela que Vinicius esteve na mira de diversos órgãos de espionagem antes de ser cassado, em 1969. A lista vai da polícia da antiga Guanabara ao temido Centro de Informações da Marinha (Cenimar). Até a aposentadoria pelo AI-5, o resumo do seu prontuário registra 32 anotações, em cinco páginas batidas à máquina.

A maior parte dos arquivos narra fatos sem importância, como a participação em shows e manifestos de intelectuais. Outras folhas descrevem Vinicius como "comunista e escritor" e sócio do Centro Brasileiro de Cultura, "organização de fachada do movimento comunista internacional". Em 1966, a agência gaúcha do SNI tratou o poeta como "marginado, que é ao mesmo tempo diplomata e sambista". Em 1968, um araponga do Centro de Informações do Exército (CIE) redigiu uma nota mais sucinta: "Boêmio, parece ter errado de profissão".

A preferência pela noite foi a desculpa da Comissão de Investigação Sumária para incluir Vinicius entre os cassáveis. A justificativa aparece num dossiê da Aeronáutica sobre as demissões. Junto a seu nome, o documento traz a explicação: "alcoólatra".

Surpreendentemente, o relatório secreto elogia o poeta e oferece uma alternativa à demissão. "Considerando que a conduta do primeiro-secretário Vinicius de Moraes é incompatível com as exigências e o decoro da carreira diplomática, mas em atenção aos seus méritos de homem de letras e artista consagrado, cujo valor não desconhece, a comissão propõe o seu aproveitamento no Ministério da Educação e Cultura".

Não se sabe se a sugestão era para valer, mas Vinicius foi aposentado compulsoriamente dias depois, aos 55 anos. Ficou indignado com o ato arbitrário, mas manteve o bom humor. Quando circulou que a degola atingira homossexuais e bêbados, apressou-se a avisar:

— Eu sou alcoólatra!

Apesar da brincadeira, o poeta se abateu com a demissão sumária.

— Foi uma sacanagem a forma como me expulsaram do Itamaraty — desabafou, numa entrevista em 1979.

A imagem de vagabundo traçada pelos militares não combina com os registros funcionais do poeta. Dividida em três pastas amareladas, a ficha de Vinicius contém fartos elogios a seu talento e conduta profissional. Três boletins de avaliação interna o classificam como "acima

da média" nos quesitos "atento e aplicado no trabalho", "permanece durante todo o expediente" e "realiza os serviços com presteza".

O documento mais recente antes da aposentadoria atesta, para os devidos fins, que o poeta "não responde a processo administrativo e goza de bom conceito funcional". Tem data de 1968. A página seguinte reproduz o Diário Oficial com a cassação.

Embora sua expulsão ainda seja tratada como tabu, Vinicius é personagem de algumas das melhores histórias do Itamaraty. Em 1946, após manter um caso ostensivo com a arquivista Regina Pederneiras, casou-se em segredo com ela numa igreja de Petrópolis. A relação durou pouco — entre outros motivos, porque ele já era casado. Mas deixou os versos da "Balada das arquivistas".

Um dia, na mesma época, um colega se espantou com o volume de cartas na mesa de Vinicius. Assim descobriu que ele mantinha um segundo emprego: escrevia o consultório sentimental da revista "Flan", assinado sob o insuspeito pseudônimo de Helenice.

Nos 24 anos de Itamaraty, o poeta nunca escondeu o fastio com a burocracia e a formalidade da carreira.

— Detesto tudo o que oprime o homem, inclusive a gravata.( Ora, é notório que o diplomata é um homem que usa gravata — queixou-se, numa conversa com Clarice Lispector em 1967.

Mas a boemia confessa não era sinônimo de vadiagem. Pelo contrário: foi nesse período que Vinicius escreveu a peça "Orfeu da Conceição" e compôs as músicas mais famosas com Tom Jobim, como "Garota de Ipanema".

Em 1979, o poeta tentou ser readmitido com base na Lei da Anistia. O ministro Ramiro Saraiva Guerreiro respondeu pelo Diário Oficial, em 4 de junho de 1980: "Indeferida a reversão". Vinicius morreria no mês seguinte. Seus papéis estão guardados no Itamaraty e no Arquivo Nacional de Brasília. Foram consultados pelo GLOBO com autorização de suas filhas.

**Quarenta anos depois, poeta pode ganhar promoção a embaixador**

Quarenta anos depois de ser cassado pela ditadura militar, Vinicius de Moraes pode ser agraciado com uma inédita promoção postmortem a embaixador. A ideia foi lançada em 2006 no antigo Palácio do Itamaraty, no

Centro do Rio, que teve uma ala batizada com o nome do poeta. Apesar das boas intenções, a proposta ainda não conseguiu vencer a burocracia do governo federal.

Uma minuta de decreto, a ser assinada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, está engavetada desde agosto passado no Ministério do Planejamento. De lá, o documento ainda terá que passar pela Casa Civil antes de chegar ao presidente.

O documento já tem a assinatura do ministro das Relações Exteriores , Celso Amorim. O texto vai direto ao ponto : " É promovido post-mortem a ministro de primeira classe da carreira de diplomata o primeiro-secretário Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, mundialmente conhecido como Vinicius de Moraes".

No Itamaraty, um dos principais defensores da homenagem é o embaixador Jeronimo Moscardo, presidente da Fundação Alexandre de Gusmão. Ele defende a medida com um argumento singelo: o Barão do Rio Branco, patrono da diplomacia brasileira, teria aprontado muito mais que o poeta.

— Perto do Barão, o Vinicius foi um congregado mariano — brinca.

Por ironia, chegar ao nível máximo da carreira era uma ideia temida por Vinicius. Ele explicou o motivo em depoimento ao Museu da Imagem do Som, no Rio de Janeiro, em 1967:

— Nos escalões inferiores da carreira, ninguém presta atenção em você. O perigo é você virar embaixador, né? Minha grande luta no Itamaraty tem sido para não ser promovido.

**Embaixador chefiou caça às bruxas**

O responsável pelo maior expurgo da diplomacia brasileira era uruguaio. Antônio Cândido da Câmara Canto nasceu em Montevidéu, em 1910, mas herdou a nacionalidade brasileira do pai. Pouco lembrado nas publicações oficiais do Itamaraty, foi uma das figuras mais influentes na casa durante os anos de chumbo da ditadura militar. Após comandar a caça às bruxas no governo Costa e Silva, teve papel central no golpe que derrubou Salvador Allende no Chile, em 1973.

Câmara Canto é considerado o quinto homem da junta chefiada pelo general Augusto Pinochet, que se manteria no poder até 1990. Contrariando a tradição da diplomacia brasileira, negou asilo a compatriotas que moravam no país e entraram na mira dos golpistas. No fatídico 11 de setembro, enquanto

o Palácio La Moneda, da Presidência da República chilena, ardia em chamas, ele atendia o telefone com uma exclamação festiva: "Ganhamos¡"

No livro "A ditadura derrotada", o jornalista Elio Gaspari descreve Câmara Canto como "um golpista militante". Traça o perfil de um homem conservador, "famoso no Itamaraty pela severa sinceridade e, nos postos onde passou, pelas habilidades como cavaleiro". Um embaixador aposentado, que na época das cassações ainda estava em início de carreira, o classifica apenas como fascista.

Antes de colaborar com a repressão no Chile, Câmara Canto chefiou a representação do Brasil na Espanha, que vivia a ditadura do generalíssimo Francisco Franco. Seu currículo oficial, no Almanaque do Ministério das Relações Exteriores, registra a participação em duas comissões de inquérito. Sobre as cassações que comandou em 1969, nenhuma palavra. A ditadura militar soube reconhecer os serviços prestados pelo embaixador. Em 1970, um ano depois de instruir a cassação de 15 colegas, ele foi agraciado com a Ordem do Rio Branco no grau de Grã Cruz. O diplomata se aposentou em 1975. Morreu de câncer, no Rio, dois anos depois.

**Expurgo não foi o único**

O expurgo de 1969 foi o maior, mas não o único da história do Itamaraty. Em 1954, em meio a uma campanha anticomunista liderada por Carlos Lacerda, o rótulo de "subversivo" selou a demissão de cinco diplomatas, entre eles os intelectuais João Cabral de Melo Neto e Antonio Houaiss. Todos conseguiram reaver o cargo num julgamento histórico do Supremo Tribunal Federal (STF). A ilegalidade das cassações foi defendida por uma banca que reunia Evandro Lins e Silva, Sobral Pinto e Luiz Gonzaga do Nascimento Silva.

Os militares esperaram dez anos para dar o troco em Houaiss. Em 1964, o filólogo seria afastado definitivamente, junto com os colegas Jayme Azevedo Rodrigues. Dessa vez, Houaiss foi punido por um discurso na Assembleia das Nações Unidas em que atacou a ditadura salazarista em Portugal, durante o governo João Goulart. Todas as cassações foram decretadas dois meses depois do golpe.

Além dos 13 da lista de Câmara Canto, outros cinco diplomatas seriam cassados pelo AI-5 entre 1969 e 1975. O caso mais conhecido foi o dos secretários Mário da Graça Roiter e Miguel Darcy de Oliveira, acusados de ação antipatriótica. Segundo os militares, os dois teriam ajudado brasileiros

exilados a denunciar, no exterior, a prática de tortura e perseguição política no Brasil.

***

O Globo, 10 de janeiro de 2010

**A reabilitação de Vinicius no Itamaraty**

Trinta anos depois de sua morte, o diplomata cassado Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes vai virar embaixador. A Câmara aprovou ontem a promoção do ex-servidor a ministro de primeira classe do Itamaraty, cargo mais alto da carreira diplomática. O ato reabilita a trajetória profissional do poeta Vinicius de Moraes, que foi perseguido pela ditadura militar e expulso do Ministério das Relações Exteriores em abril de 1969, com base no Ato Institucional nº 5 (AI-5).

Redigido por amigos de Vinicius no Itamaraty, o texto da promoção passou três anos numa gaveta do Ministério do Planejamento. Foi finalmente enviado ao Congresso no fim de 2009, depois que uma reportagem do GLOBO revelou bastidores da demissão sumária do poeta. Documentos inéditos do Serviços Nacional de Informações (SNI) comprovaram que ele foi vigiado de perto por diversos órgãos de espionagem, incluindo a polícia da antiga Guanabara e o temido Centro de Informações da Marinha (Cenimar).

— A expulsão de Vinicius foi mais um ato de violência e arbítrio da ditadura. Ele foi embaixador não só do Itamaraty, mas da cultura brasileira — disse ontem a cineasta Suzana de Moraes, filha primogênita do poeta.

A homenagem foi aprovada num raro consenso entre governo e oposição, com discursos favoráveis de representantes dos principais partidos políticos. O único deputado a se manifestar contra a promoção foi o militar da reserva Jair Bolsonaro (PP-RJ), conhecido por defender o golpe de 1964. Após a aprovação do texto no Senado, os dependentes de Vinicius terão direito a pensão correspondente ao topo da carreira do Itamaraty.

O poeta foi a vítima mais conhecida da Comissão de Investigação Sumária, que usou o AI-5 para investigar vidas privadas e expulsar diplomatas que o regime tachava de homossexuais, alcoólatras ou emocionalmente instáveis.

Vinicius foi punido por sua vida boêmia, que desagradava à linha-dura da caserna. Apesar disso, os registros do Ministério das Relações Exteriores revelam que ele era considerado um diplomata exemplar e recebeu uma série

de elogios por tarefas em nome do Brasil no exterior. O poeta morreu em julho de 1980, aos 66 anos.

A caça às bruxas no Itamaraty foi comandada pelo embaixador Antônio Cândido da Câmara Canto, aliado da ditadura que mais tarde apoiaria a derrubada do presidente chileno Salvador Allende, em 1973. No maior expurgo da história da diplomacia brasileira, foram cassados 44 servidores, sendo 13 diplomatas, oito oficiais de chancelaria e 23 funcionários administrativos. As demissões foram assinadas pelo chanceler Magalhães Pinto e pelo presidente Costa e Silva.

***

O GLOBO • O PAÍS • PÁGINA 10 • Edição: 28/06/2009 • Impressa: 27/06/2009 — Lit. 53 k



**PERSEGUIÇÃO COM PUNHOS DE RENDA.** *Comissão de Investigação Sumária afastou 44 servidores de todos os escalões*

# Itamaraty usou AI-5 para investigar vida privada e expulsar diplomatas

Homofobia e intolerância motivaram perseguições; Vinícius de Moraes foi um dos 13 afastados

## Os documentos secretos do Itamaraty

## Preconceito interrompeu carreiras em ascensão

## Só dois casos de motivação política

O GLOBO • O PAÍS • PÁGINA 12 - Edição: 20/06/2009 - Impressão: 27/06/2009 — 10:57 h

PRETO BRANCO

12 • O PAÍS

PERSEGUIÇÃO COM PUNHOS DE RENDA: *'Foi uma sacanagem a forma como me expulsaram do Itamaraty', disse o poeta*

# Vinicius: vida boêmia vigiada de perto

Gosto pela noite e pela bebida foi o motivo usado para afastar o poeta

VINICIUS, O DIPLOMATA

*"Detesto tudo o que oprime o homem, inclusive a gravata. Ora, é motivo que o diplomata é um homem que usa gravata*

## Embaixador chefiou caça às bruxas

Câmara Canto, uruguaio de nascimento, cassou 15 colegas

## Quarenta anos depois, poeta pode ganhar promoção a embaixador

Meia, defendida por Celso Amorim, aduana na burocracia do governo federal

## Espurgo não foi o único

# Tramitação Legislativa

***a. Mensagem Presidencial***

EMI 00409 MRE-MPOG

Brasília, 18 de dezembro de 2008.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Elevamos à consideração de Vossa Excelência o anexo Projeto de Lei contendo proposta de promoção *post mortem* do diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, conhecido mundialmente como Vinicius de Moraes, um dos maiores poetas e músicos do Brasil.

2. Não obstante haver terminado sua carreira de diplomata como Primeiro Secretário, Vinicius de Moraes prossegui a brilhante trajetória artística que vinha desenvolvendo em solo brasileiro e também no exterior.

3. Conhecido também pela alcunha carinhosa de "poetinha", Vinicius soube transpor, com singular maestria, o talento da escrita poética para o campo música. Em suas parcerias com Tom Jobim, Carlos Lyra, Baden Powell,

Toquinho, e outros grandes músicos, Vinicius trouxe à luz algumas das mais belas canções brasileiras. Seja no estilo da Bossa Nova, do qual "Garota de Ipanema" é exemplo insuperável, ou através do Samba, Vinicius produziu obras-primas da nossa música popular que representaram uma inestimável contribuição no sentido de difundir a cultura brasileira no exterior, tornando-a objeto de apreço e admiração.

4. Pode-se afirmar, sem qualquer dúvida, que o extraordinário trabalho artístico desenvolvido por Vinicius de Moraes durante décadas fez dele, mais do que divulgador ímpar do Brasil, um verdadeiro embaixador da cultura brasileira. Nada mais justo do que prestar-lhe o devido reconhecimento, elevando-o, também como servidor público e diplomata, à posição que merecer ocupar.

5. Estas são as razões, Senhor Presidente, que nos levam a submeter à consideração de Vossa Excelência o Projeto de Lei que autoriza a promoção *post mortem* do diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes.

Respeitosamente,

*Assinado eletronicamente por: Celso Luiz Nunes Amorim, Paulo Bernardo Silva*

Mensagem nº 914

Senhores Membros do Congresso Nacional,

Nos termos do art. 61 da Constituição, submeto à elevada deliberação de Vossas Excelências o texto do projeto de lei que "Promove **post mortem** o diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello de Moraes".

Brasília, 11 de novembro de 2009.

***b. Parecer do Deputado Emiliano José, Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados***

**COMISSÃO DE EDUCAÇÃO e CULTURA**

**PROJETO DE LEI Nº 6.417, DE 2009**

Promove *post mortem* o diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello de Moraes.

**Autor**: PODER EXECUTIVO

**Relator**: Deputado EMILIANO JOSÉ

**I – RELATÓRIO**

O projeto de lei em análise, oriundo do Poder Executivo, objetiva promover *post mortem* a Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata o Primeiro Secretário Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes, mais conhecido de todos nós como Vinicius de Moraes. Com tal medida, ficam também assegurados aos atuais dependentes de Vinicius de Moraes os benefícios de pensão correspondente ao novo cargo de embaixador.

Na Mensagem encaminhada junto à proposição, justifica-se tal medida pelo fato de que, embora tenha terminado precocemente sua carreira de diplomata como Primeiro Secretário, ***"Vinicius de Moraes prosseguiu a brilhante trajetória artística que vinha desenvolvendo em solo brasileiro e também no exterior. (...) Pode-se afirmar, sem qualquer dúvida, que o extraordinário trabalho artístico desenvolvido por Vinicius de Moraes durante décadas fez dele, mais do que divulgador ímpar do Brasil, um verdadeiro embaixador da cultura brasileira. Nada mais justo do que prestar-lhe o devido reconhecimento, elevando-o, também como servidor público e diplomata, à posição que merece ocupar".***

A tramitação dá-se conforme o art. 24, inciso II do Regimento Interno desta Casa, sendo conclusiva a apreciação por parte da Comissão de Educação e Cultura (CEC). Cumpridos os procedimentos e esgotados os prazos regimentais, não foram recebidas emendas ao Projeto. Cabe-nos, agora, por designação da Presidência da CEC, a elaboração do parecer, onde nos manifestaremos acerca do mérito cultural.

É o Relatório.

## II – VOTO DO RELATOR

O que terá feito de Vinicius de Morais um diplomata? E como ele conseguiu conciliar tanto pendor criativo, tanta explosão musical, tanta veia poética, tanto violão, tanta bossa nova com os rigores da carreira do Itamaraty? Talvez coubesse ao relator debruçar-se um pouco que seja sobre sua trajetória para, então, responder a essas inquietações.

Uma pista, antes de qualquer outro argumento, pode ser encontrada em uma reflexão feita por ele próprio: "Poucas coisas fazem tão bem quanto a solidão sincera". É uma revelação feita à mãe em carta de 11 de março de 1935. Nascido em 1913, no Rio de Janeiro, aos 21 anos já raciocinava de modo maduro, vivia angústias e dúvidas que ficariam melhor num homem mais velho, como diz Ruy Castro no prefácio do livro Querido Poeta – Correspondência de Vinicius de Morais –, organizado pelo próprio Ruy Castro, que subsidia esse voto. A solidão era uma parceira com que contava, nem que esporadicamente.

Entra para a Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro. Forma-se em 1933. Essa década já o surpreende criando, compondo, poetando.

Em 1932, a primeira música gravada, com os irmãos Tapajós: "Loura ou Morena". Surgem também seus primeiros livros de poesia: "O caminho para a distância", de 1933 "Forma e exegese", de 1938, e "Novos Poemas", também de 1938. Seu aparecimento como poeta provoca admiração em Manoel Bandeira e alguns outros poetas de nomeada. De Manoel Bandeira torna-se amigo.

O poeta tinha vocação para o mundo. Diplomata seria, por essa vocação. Uma vocação para o mundo que não conseguia afastá-lo da criação, e da criação em torno de sua terra. Da poesia de sua gente. Da poesia vinculada à paixão.

Em1938, ano intenso para ele, vai para Oxford estudar Literatura Inglesa. Casa-se em 1939, pela primeira vez, e essa citação é feita apenas para registrar o primeiro casamento, a paixão que irrompeu por Tati – Beatriz Azevedo de Mello. Serão muitos os casamentos, inúmeras as paixões.

O poeta, o diplomata, o intelectual refinado tinha uma propensão incrível à paixão. Por tudo que fazia. E pelas mulheres. Apaixonou-se, e perdidamente, por muitas delas. O amor, infinito enquanto dure.

O mesmo Ruy Castro lembra que a facilidade com que o poetinha se apaixonava e a dedicação com que se empenhava à paixão só encontravam paralelo na paixão seguinte, que não demorava muito a vir.

Tentou sempre entender as mulheres, mas confessou, ainda no fértil ano de 1938, nunca saber se conhecia uma mulher direito. Achava mesmo que nunca conseguia o feito. "Minha admiração pelo que elas são em si, e pelo papel que têm na vida é tão grande que eu acho que não me deixa fazer psicologia sobre". A confissão está numa carta a Tati, sua primeira mulher.

Sofria e amava. E amava e sofria. E se perdia sempre de amor.

E era o amor, a paixão, que provavelmente estimulavam sua veia poética, o levavam à poesia, à bossa, ao violão. E tudo isso seguramente tornava a sua missão de diplomata mais rica, mesmo que eventualmente, para os padrões de então, nem sempre seguisse os exatos cânones do Itamaraty. E era tudo isso que o tornava um grande diplomata, um extraordinário embaixador do Brasil.

"Não importa. O que importa é ir embora/ Pela alegria de buscar a aurora/ E pela dor de caminhar sozinho".

Os versos são de Vinicius. E o revelam.

Amor e paixão. Amor e solidão. Solidão e criatividade. A busca da aurora. A solidão nele, quando alcançada, talvez fosse aquela do momento criativo. Há quem diga ter ele levado uma vida invejável. E talvez seja verdadeiro.

Em que sentido? No sentido de ser a vida de um homem cheio de coragem, capaz de atirar-se em tudo que fazia com todo o vigor de sua inteligência. Com a característica de ser um homem de idéias, do pensamento. Capaz de suportar perdas e, como já se disse, insistindo na trilha de Ruy Castro, de distribuir amor, muito amor. Pela humanidade, pela poesia, pela música, pelas mulheres, por seus filhos, por sua mãe, por seus amigos. Foi assim, caminhando pela vida de modo solidário, fraterno, que ele foi tentando decifrar o mistério da vida, mistério ao qual ele se refere numa carta a Lúcio Cardoso, em 1936.

Ninguém o imagine um sujeito indisciplinado, sem metas, sem caminho definido. "O melhor caminho é sempre o mais difícil, e não o que sai dos pés. Muito provavelmente, a vida dos macacos é mais divertida que a dos passarinhos. E eu me tracei uma regra, que não é regra, não é nada senão um uso poético da minha vida: só rir para as coisas trágicas. Só chorar de emoção. Só andar na ponta dos pés. Só ser delicado. Só topar paradas duras. Só dormir em último caso. Só pensar nos outros. Só castigar a si próprio. Só aceitar o inaceitável. Só criar em alegria e, sobretudo, só ser íntimo".

Foi com esse caminhar que ele encontrou a serenidade. Não a serenidade burguesa. Mas serenidade como "a mais alta dor na mais funda consciência do próprio destino", como ele diz em carta à irmã mais nova, Leta.

Foi aprovado em concurso para o Itamaraty em 1942. Entre 1941 e 1942 nascem Suzana e Pedro, filhos com Tati. É nessa década que ele caminha da direita para a esquerda, sob a influência do escritor americano Waldo Frank. Continua poetando: publica "Cinco Elegias" e "Poemas, sonetos e baladas".

Em 1946, é nomeado vice-cônsul em Los Angeles, onde vai radicalizar sua visão política à esquerda. Revolta-se, por exemplo, com as atividades do Comitê de Atividades Antiamericanas, que estimulou delações, revelou tantos caracteres frágeis entre intelectuais e artistas. Era o tempo do anticomunismo, a Guerra Fria em ascensão. Torna-se amigo de Carmem Miranda, de Gabriela Mistral, de Orson Wells, de Marlene Dietrich, de tantos outros.

Em 1950, retorna ao Rio de Janeiro. Faz crítica de cinema no Última Hora. Volta a compor. Comparece a vários festivais de cinema no exterior. Conhece Tom Jobim. Em 1953, nasce Georgiana, filha dele e de Lila Bôscoli. É nomeado segundo secretário da Embaixada parisiense.

Em 1954, lança Antologia Poética. Em 1956, nasce a segunda filha com Lila, Luciana. Em 1957, segue para Montevidéu como cônsul-adjunto, depois de lançar um livro de sonetos. Em 1958, ganha as ruas o LP "Canção do Amor Demais", com Elizeth Cardoso interpretando suas canções com Tom Jobim. Em 1959, publica Novos Poemas II.

Em 1960, volta ao Rio. Trabalha então na Secretaria de Estado de Relações Exteriores. É intensa a sua parceria com Tom Jobim. Começa a compor também com Carlos Lyra e Baden Powell.

Em 1962, explode "Garota de Ipanema", dele e de Tom. Publica "Para viver um grande amor". Em 1963, assume como delegado do Brasil junto a Unesco. Em 1964 volta ao Rio e em 1965 vence um festival da canção, com a música Arrastão, em parceria com Edu Lobo. No ano seguinte, publica "Para uma menina com uma flor".

No final de 1968, é afastado do Itamaraty pelo AI-5. A ditadura radicalizava, mostrava sua verdadeira face. A ditadura não podia conviver com um homem como Vinicius no Itamaraty. Morra a cultura! Viva a morte! É a palavra-de-ordem das ditaduras, sempre. E Vinicius era a cultura, a criação, o pensamento, o turbilhão de idéias voltado para mudar, melhorar o mundo, torná-lo mais belo e mais justo. Poeta não rimam com

ditaduras. Lorca não rimou com Franco. Vinicius não rimou com Costa e Silva.

Em 1970, nasce Maria, filha dele e de Christina Gurjão. Vinicius já mora em Itapoã com Gesse Gessy. Anos seguintes, faz centenas de shows com Toquinho e cantoras como Marília Medalha, Bethânia, Maria Creuza e Joyce, na Itália, na Argentina e no Uruguai.

Em 1976, deixa a Bahia. E deixa Gesse. E se apaixona pela argentina Martha Rodriguez.

Em 1977, o Canecão, no Rio, recebe o show Tom, Vinicius, Toquinho e Miúcha por longa temporada. Deixa Martha. Casa-se com Gilda Matoso, em Paris. Em 1979, faz os últimos show e disco, sempre com Toquinho. Morre no Rio, no dia 9 de julho de 1980.

Morria o poetinha. Eterno poetinha. O da "Garota de Ipanema". O poeta do Samba da Bênção:

"É melhor ser alegre que ser triste,
Alegria é a melhor coisa que existe
É assim como a luz no coração".

A presente proposição vem, pois, resgatar uma dívida histórica ao dispor sobre o reconhecimento de um cidadão brasileiro que, como servidor público, na carreira da diplomacia, merece ser promovido *post mortem* ao cargo de Ministro de Primeira Classe, uma vez que foi arbitrariamente expulso do Itamaraty durante a ditadura militar. Permitam-me, nobres Colegas, transcrever um texto que explicita melhor o porquê de se conferir post mortem a promoção a Vinicius de Moraes (1913-1980):

> *"Em meados de 1968, durante a onda de protestos que sacudiu o regime, o marechal Costa e Silva teria redigido de próprio punho bilhete para o então Chanceler Magalhães Pinto ordenando: "Assunto: Vinicius de Moraes. Demita-se esse vagabundo". Fato ou lenda, o incidente ilustra a irritação do regime com o poeta, causada não por sua escassa assiduidade ao trabalho, mas por notórias amizades à esquerda e uma discreta politização de suas letras. Tal irritação levou à abertura de processo administrativo contra Vinicius que acabou sendo exonerado, em meio às cassações que se seguiram ao Ato Institucional nº 5.*

*A caça às bruxas foi justificada pela ditadura como ato moralizador, objetivando purgar o serviço público de "corruptos, homossexuais e bêbados". Amigos que foram receber Vinicius no Galeão, viram-no descer do avião abatido, amargurado, mas com uma garrafa de uísque em punho, para evitar qualquer mal-entendido:- Eu sou bêbado!*

*Nas longas temporadas que passou no Rio de Janeiro, ajudou (e muito) a criar a mística do Itamaraty como celeiro de intelectuais e grande bastião da cultura. À época, o Palácio da Rua Larga operava como verdadeiro centro da vida social e política da Capital Federal – em seus gabinetes, arquitetava-se a projeção do Brasil no concerto das nações; em suas recepções, tramavam-se os destinos do país. Era um Itamaraty generoso, que sabia abrigar tanto homens de ação quanto homens de pensamento, pessoas das mais diferentes inclinações e interesses, em leque ecumênico que ia do jovem economista Roberto Campos ao promissor literato João Guimarães Rosa. Deles, exigia-se apenas que fossem geniais.*

*Ali, Vinicius estava em casa. O Itamaraty era seu porto e seu amparo, a instituição que lhe dava segurança e status para ir-se transformando em um dos mais ativos intelectuais da época. Em setembro de 1956, com o espetáculo "Orfeu da Conceição", o poeta atingia seu auge, na síntese perfeita entre o erudito e o popular, a tradição clássica e alma brasileira, o drama e a música. Que mais poderia o Itamaraty exigir de seus funcionários? A arte de Vinicius era tão cativante que tinha o dom de se converter em política de Estado. Embaixador algum fez tanto pela pátria quanto ele.*

(DANTAS, Marcelo. *A Volta* In: No.mínimo. 27.9.2006. Disponível em: http://www.viniciusdemoraes.com.br).

A História se faz mediante o reconhecimento daqueles que, em vida, dignificaram o país, através de seu trabalho e divulgação positiva de nossa imagem no exterior, razão pela qual emitimos parecer favorável ao PL nº 6.417, de 2009, que promove post mortem nosso querido "poetinha" Vinicius de Moares ao cargo de Embaixador (Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata).

Mas é a vida que vale, a frondosa, luxuriante árvore da vida é que justifica a homenagem.

Um homem que viveu assim, com tal intensidade, que conseguiu, vivendo apaixonadamente, criando apaixonadamente, revelar o mais profundo do Brasil, o mais poético e criativo de sua cultura, um homem assim, merece essa promoção pós-mortem inegavelmente.

Quando, já muito doente, às vésperas de sua morte, em entrevista, um repórter perguntou a Vinicius se ele estava com medo da morte ele, calmamente, respondeu:

– Eu não estou com medo da morte. Estou é com saudades da vida.

É assim que morre um poeta. Com saudades da vida. Sem medo da morte.

Assim, morreu Vinicius. Para ser lembrado eternamente pelo seu país.

Pela aprovação do PL 6417, de 2009.

Sala da Comissão, em 01 de dezembro de 2009.

## c. Requerimento de urgência, Câmara dos Deputados

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Req. 5915/2009

**EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS**

Requeremos, nos termos do Art. 155 do Regimento Interno, urgência para apreciação do PL-6417/2009 , de autoria do Poder Executivo, que " Concede promoção "post mortem" ao diplomata conhecido como "Vinicius de Moraes".

Sala das Sessões, em de novembro de 2009

***d. Votação no Plenário da Câmara dos Deputados, 09 de fevereiro de 2010***

**O SR. JOSÉ GENOÍNO** (PT-SP. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, é muito importante votarmos esse projeto de lei. Estamos fazendo um ato político, uma homenagem a Vinicius de Moraes, que marcou a cultura e a música brasileiras.

A Câmara dos Deputados deveria aprovar essa urgência por unanimidade, assim como o projeto de iniciativa do Presidente da República, referendado pelos Ministros Celso Amorim e Paulo Bernardo.

Fico feliz, Sr. Presidente, em fazermos esta votação nesta tarde.

Este é o encaminhamento que faço a este requerimento de urgência urgentíssima.

**O SR. JOSÉ GENOÍNO** (PT-SP. Para emitir parecer. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, quando encaminhei a votação do requerimento de urgência, já avancei sobre a importância deste projeto.

Em nome da Comissão de Educação e Cultura, quanto ao mérito, dou parecer favorável ao projeto, pela sua simbologia e pelo que significou Vinicius de Moraes para a cultura brasileira.

O parecer é pela aprovação do projeto.

**O SR. INDIO DA COSTA** (DEM-RJ. Para emitir parecer. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, quem pode deixar votar favoravelmente à nossa cultura, a versos que estão sempre em nossa lembrança? "*De tudo, ao meu amor serei atento/* A*ntes, e com tal* zelo, *e sempre,* e *tanto,/ Que, mesmo em face do maior encanto...*" E por aí vai.

Naturalmente, nosso parecer é favorável ao projeto.

**O SR. PRESIDENTE** (Michel Temer) - Portanto, o parecer é pela adequação financeira e orçamentária do projeto.

**O SR. EDUARDO CUNHA** (Bloco/PMDB-RJ. Para emitir parecer. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, o parecer é pela constitucionalidade, juridicidade e boa técnica legislativa.

**O SR. PRESIDENTE** (Michel Temer) - O parecer é pela constitucionalidade, juridicidade e boa técnica legislativa.

**O SR. IVAN VALENTE** (PSOL-SP. Pela ordem. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, desejo destacar a oportunidade desta proposta e dizer da merecida promoção que se faz a esse grande poeta, músico e lutador brasileiro.

Vinicius de Moraes foi perseguido pela ditadura militar por suas ideias. Homem extremamente consciente, deu valiosa contribuição à cultura brasileira, sendo, muitas vezes, vítima de preconceito de setores conservadores da sociedade brasileira.

Por isso, a nossa homenagem a Vinicius de Moraes, lembrando inclusive a sua poesia sobre o operário em construção.

Viva!

**O SR. DANIEL ALMEIDA** (Bloco/PCdoB-BA. Pela ordem. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, em nome do Bloco, quero manifestar também o nosso apoio, o nosso voto "sim" a esta homenagem ao diplomata, ao poeta, ao grande brasileiro que foi Vinicius de Moraes, que demonstrou ser possível fazer cultura com arte e combinar a vida política - ele foi também um político - com a leveza que ele apresentou a todos nós.

Portanto, o Bloco PSB, PCdoB, PRB, PMN vota "sim" a esta grande homenagem.

**O SR. PRESIDENTE** (Michel Temer) - O Bloco vota "sim".

**O SR. ARNALDO VIANNA** (PDT-RJ. Pela ordem. Sem revisão do orador.) - Sr. Presidente, o PDT vota "sim", e amplia essa homenagem, dizendo da importância que teve Vinicius de Moraes para várias gerações neste País e a falta que nos faz hoje um diplomata como ele.

PDT vota "sim", Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Michel Temer) - O PDT vota "sim".

**Declaração de voto encaminhada à mesa pelo Deputado Paes de Lira**

Excelentíssimo Presidente da Câmara dos Deputados,

Nos termos do artigo 182, parágrafo único, do Regimento Interno, apresento declaração de voto contra o Projeto de Lei 6.417, de 2009.

Embora o Projeto de Lei 6.417, de 2009, tenha por escopo reconhecimento póstumo ao diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello de Moraes, é inconstitucional.

A própria exposição de motivos do PL em questão, da lavra dos Exmos. Ministros Celso Amorim e Paulo Bernardo, nada traz que ilustre suposto brilhantismo na carreira diplomática do homenageado. Reduz-se aos inegáveis méritos de sua atividade artística, que o consagrou - com o nome de Vinicius de Morais - em todo o mundo como compositor absolutamente genial.

O músico Vinicius de Morais imortalizou-se por sua obra inigualável no cancioneiro brasileiro e universal. Já o diplomata, teve carreira limitada, de pouca relevância para o País.

Ademais, à semelhança do que ocorre no âmbito militar, a promoção *post mortem* só se justifica na hipótese de tombamento no cumprimento do dever. E não é claramente o caso. Basta comparar o presente com o da morte do diplomata brasileiro Luiz Carlos da Costa, recentemente ocorrida no Haiti, em missão oficial e em pleno exercício do cargo - este último, sim, passível de eventual promoção ao pós da existência física.

O Projeto de Lei em comento afronta princípios consagrados no Art. 37 da Constituição Federal: no mínimo, os da moralidade e da impessoalidade.

Não obstante, se o propósito da iniciativa fosse o de reparar perseguição política, o modo adequado seria, com base na Lei de Anistia, submeter o caso à Comissão competente.

Ante todo o exposto, voto não ao Projeto de Lei 6.417/2009.

(Fonte: Diário da Câmara dos Deputados)

***e. Parecer do Senador Marco Maciel, Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado Federal***

# SENADO FEDERAL

## PARECER Nº 262, DE 2010

Da COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA, sobre o Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2010 (nº 6.417/2009, na Casa de origem), de iniciativa do Presidente da República, que promove "*post mortem*" o diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello de Moraes.

RELATOR: Senador **MARCO MACIEL**

**I – RELATÓRIO**

Vem ao exame desta Comissão o Projeto de Lei da Câmara (PLC) nº 5, de 2010 (nº 6.417, de 2009, na origem), de iniciativa do Presidente da República, com o objetivo de promover *post mortem* a Ministro de Primeira Classe de Diplomata o Primeiro-Secretário Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes, conforme consta do *caput* do seu art. 1º.

O projeto objetiva ainda, mediante o parágrafo único do referido art. 1º, assegurar aos atuais dependentes do diplomata a ser promovido *os benefícios de pensão correspondentes ao cargo de Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata*.

Finalmente, o seu art. 2º veicula a usual cláusula de vigência vinculada à data de publicação da lei que dele resultar.

O projeto foi apreciado em regime de urgência pela Câmara dos Deputados, tendo sido aprovado pelo Plenário daquela Casa, que acatou o parecer favorável das Comissões de Educação e Cultura; de Finanças e Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

Concluída a sua tramitação na Câmara dos Deputados, vem a proposição à revisão desta Câmara Alta, onde não recebeu emendas.

## II – ANÁLISE

Observamos que quanto aos aspectos de constitucionalidade, convém ressaltar que o projeto trata de servidor público da União, matéria incluída no âmbito da iniciativa privativa do Presidente da República, consoante o art. 61, § 1º, inciso II, alínea c, da Constituição Federal.

Ademais, o projeto trata da matéria que se insere na competência legislativa do Congresso Nacional, nos termos do *caput* do art. 48 da Lei Maior.

Por conseguinte, o projeto não padece de vício de iniciativa ou de qualquer outro óbice de inconstitucionalidade ou injuridicidade, estando ainda em conformidade com as normas regimentais do Senado Federal e com a boa técnica legislativa.

No tocante ao mérito, verifica-se que o PLC nº 5, de 2010, é justificado por ter Vinícius de Moraes – que recebeu dos brasileiros amantes da poesia e da boa música o epíteto carinhoso de "poetinha" – marcado indelevelmente a música popular brasileira, elevando o seu prestígio para além das nossas fronteiras, tornando-se *um verdadeiro embaixador da cultura brasileira*, conforme a Exposição de Motivos Interministerial – EMI nº 409 MRE-MPOG.

O relevante papel exercido por Vinícius de Moraes na cultura literária e musical brasileira justifica, plenamente, a sua promoção *post mortem* como forma de reparar a desventura de ter sido demitido do cargo público de diplomata.

Com essa medida, o Estado brasileiro eleva a memória de Vinícius de Moraes à grandeza que os brasileiros sempre lhe atribuíram.

É necessário, apenas, promover correção do nome do diplomata na ementa do Projeto, para compatibilizá-lo com o art. 1º. Com essa finalidade, apresentamos emenda de redação.

**III – VOTO**

Em face do exposto, o voto é pela aprovação do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2010, no mérito e quanto aos aspectos de constitucionalidade, regimentalidade, juridicidade e técnica legislativa, com a seguinte emenda de redação.

**EMENDA Nº 1-CCJ (DE REDAÇÃO)**

Dê-se à ementa do PLC nº 5, de 2010, a seguinte redação:

"Promove *post mortem* o diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes".

Sala da Comissão, 17 de março de 2010.

Sen. **DEMÓSTENES TORRES** Presidente

Senador **MARCO MACIEL**, Relator

***f. Votação no Plenário do Senado Federal, 2 de junho de 2010***

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)
– Passa-se à

**ORDEM DO DIA**

Srªs e Srs. Senadores, atendendo ao apelo da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, se não houver objeção, vou colocar em votação o projeto que promove, *post mortem*, o Diplomata Marcus Vinitius

da Cruz e Mello Moraes, o famoso Vinicius de Moraes – ele foi punido, e, então, o Congresso está restaurando os direitos que ele tinha, fazendo-lhe justiça **post mortem** –, de maneira que ele seja embaixador.

Pergunto se há alguma objeção, porque recebi um apelo da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, em especial do Senador Marco Maciel, para

que esse projeto fosse aqui submetido à apreciação.

**O SR. JOSÉ AGRIPINO** (DEM – RN. Sem revisão do orador.)
– Sr. Presidente, pelo contrário, a iniciativa é meritória. Vinicius de Moraes foi um homem que, diplomata, só honrou o nome do Brasil. No campo da música, ele produziu as mais belas páginas da música brasileira. Ajudou a divulgar bem o nome do Brasil. É um homem por quem todos nós temos imensa admiração,

pelo seu talento, pela sua qualidade de cidadão, pelo patriota que foi. Desse modo, a homenagem que se presta, o reconhecimento na carreira de diplomata, é absolutamente meritória e merecedora do nosso aplauso,

do meu aplauso e do aplauso do meu Partido.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)
– Muito obrigado.
Então, vou submeter a matéria a votos.

**Item extrapauta:**
**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 5, DE 2010**
Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2010 (nº 6.417/2009, na Casa de origem, de iniciativa do Presidente

da República), que *promove **post mortem** o dipomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello de Moraes*.

Parecer sob nº 262, de 2010, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, Relator: Senador Marco Maciel, favorável, com a emenda

nº 1-CCJ, de redação, que apresenta.

Em discussão.

Não havendo oradores que queiram discutir...

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ)

– Sr. Presidente, peço a palavra apenas para corroborar as palavras do Senador Agripino.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Tem a palavra o Senador Marcelo Crivella.

**O SR. MARCELO CRIVELLA** (Bloco/PRB – RJ. Sem revisão do orador.)

– Sr. Presidente, como Senador do Rio de Janeiro, onde Vinicius compôs a maioria de sua obra, onde ele viveu – ele amou aquela cidade

e a enalteceu, bem como seu povo –, eu não poderia também deixar passar a oportunidade de afirmar aqui apoio ao projeto, de afirmar meu apoio e o do PRB, que tenho a honra de liderar nesta Casa.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)

– Agradeço a V. Exª.

Não foram oferecidas emendas perante a Mesa.

Em discussão o Projeto e a Emenda, em turno único. (*Pausa*.)

Não havendo quem peça a palavra, declaro encerrada a discussão.

Votação do Projeto, sem prejuízo da Emenda.

As Srªs Senadoras e os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (*Pausa*.)

Aprovado.

Em votação a Emenda nº 1 – CCJ – de redação.

As Srªs Senadoras e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (*Pausa*.)

Aprovada.

É o seguinte o parecer da redação final:

**PARECER Nº 675, DE 2010**

(Da Comissão Diretora)

**Redação final do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2010 (nº 6.417, de 2009, na Casa de origem).**

A Comissão Diretora apresenta a redação final do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2010 (nº 6.417, de 2009, na Casa de origem), que promove **post mortem** o diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello de Moraes, consolidando a Emenda nº 1, de redação, da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, aprovada pelo Plenário.

Sala de Reuniões da Comissão, 2 de junho de 2010. – Senador **José Sarney**, Presidente – Senador **Mão Santa**, Relator – Senador **Heráclito Fortes** – Senador **Adelmir Santana**

ANEXO AO PARECER Nº 675, DE 2010

**Redação final do Projeto de Lei da Câmara nº 5, de 2010 (nº 6.417, de 2009, na Casa de origem).**

**Promove post mortem o diplomata Marcos Vinicius da Cruz de Mello Moraes.**

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º É promovido **post mortem** a Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata o Primeiro-Secretário Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes.

Parágrafo único. Ficam assegurados aos seus atuais dependentes os benefícios de pensão correspondentes ao cargo de Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)
– Em discussão a redação final. (*Pausa*.)

Não havendo quem peça a palavra, declaro encerrada a discussão.
Em votação.
As Srªs Senadoras e os Srs. Senadores que a aprovam queiram permanecer sentados. (*Pausa*.)
Também está aprovada, porque não há objeção. A matéria vai à sanção.
Será feita a devida comunicação à Câmara dos Deputados.

**O SR. PRESIDENTE** (José Sarney. PMDB – AP)
– Fico profundamente honrado em presidir o Senado Federal e a votação dessa matéria, uma vez que não só tenho grande admiração pelo grande poeta que foi Vinicius de Moraes, como também tive o prazer de sua convivência. Muito obrigado.

Está encerrada a Ordem do Dia.

(Fonte: Diário do Senado Federal)

# Lei nº 12.265, de 21 de junho de 2010

**Presidência da República**
**Casa Civil**
**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 12.265, DE 21 DE JUNHO DE 2010.**

Promove post mortem o diplomata Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. É promovido post mortem a Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata o Primeiro-Secretário Marcus Vinicius da Cruz de Mello Moraes.

Parágrafo único. Ficam assegurados aos seus atuais dependentes os benefícios de pensão correspondentes ao cargo de Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata.

Art. 2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 21 de junho de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Celso Luiz Nunes Amorim

ANEXOS

LEI Nº 12.265 , DE 21 DE JUNHO DE 2010.

Promove **post mortem** o diplomata Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

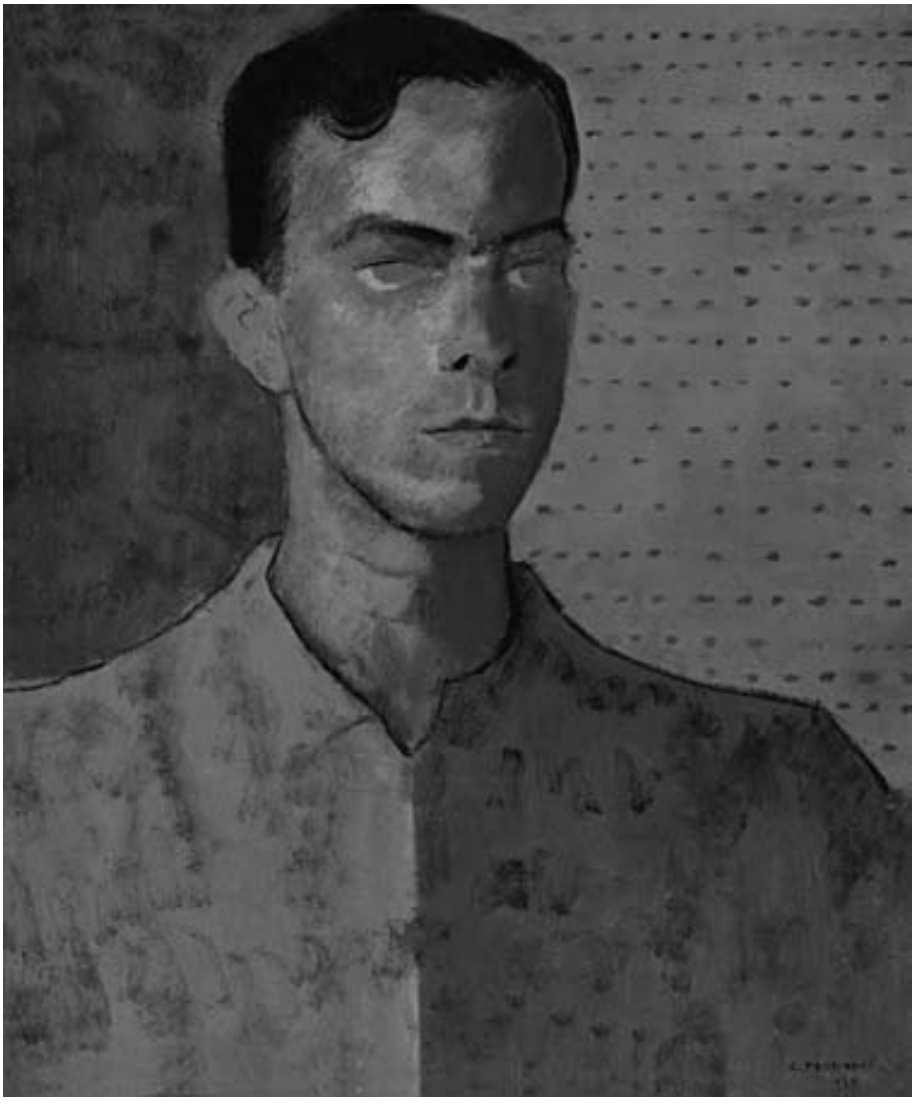
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É promovido **post mortem** a Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata o Primeiro-Secretário Marcus Vinícius da Cruz de Mello Moraes.

Parágrafo único. Ficam assegurados aos seus atuais dependentes os benefícios de pensão correspondentes ao cargo de Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

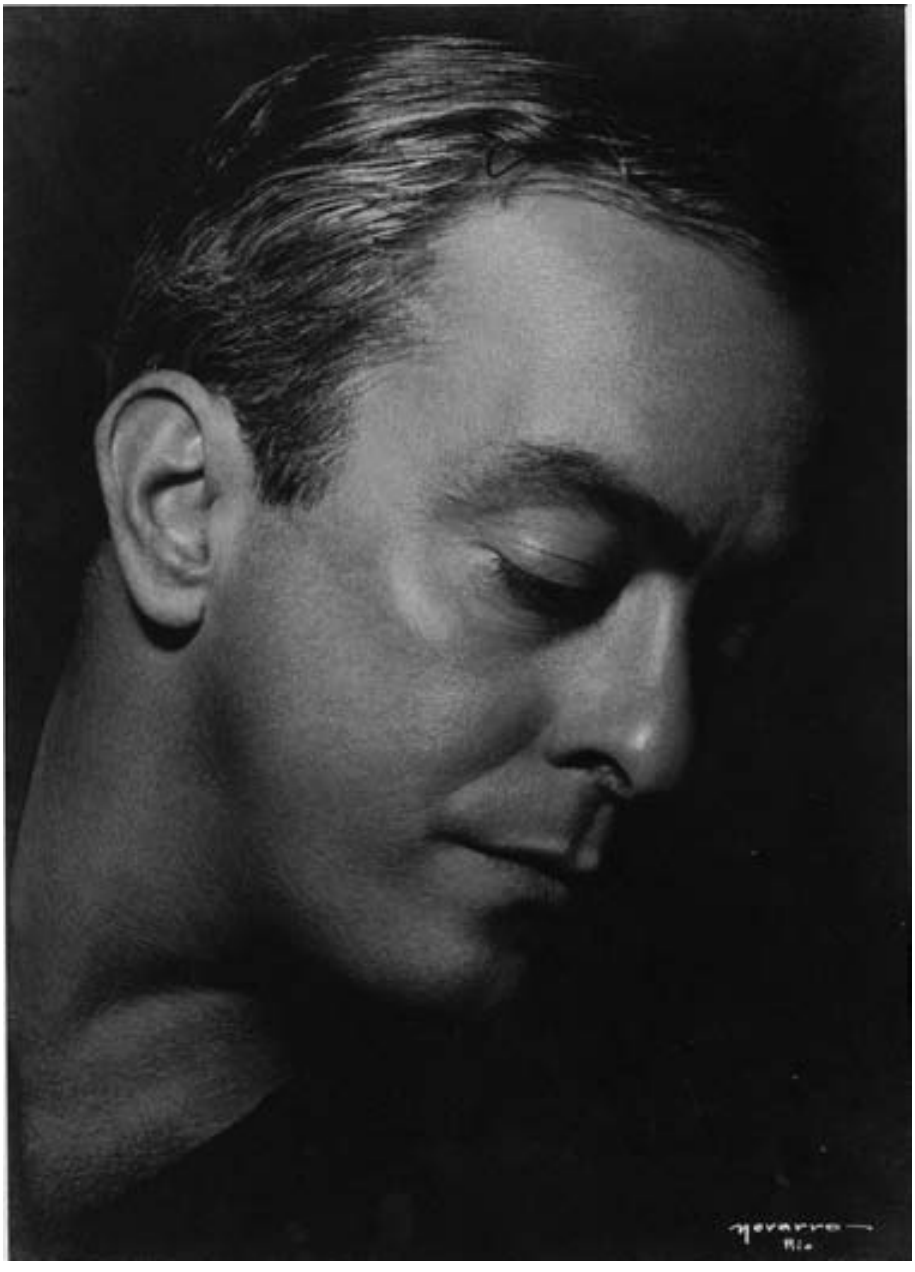
Brasília, 21 de junho de 2010; 189º da Independência e 122º da República.



Retrato do jovem Vinicius de Moraes, por Candido Portinari (1938).

Vinicius, aos 20 anos de idade.

Vinicius, com os filhos Luciana, Georgiana e Pedro de Moraes, em 1978.



Vinicius de Moraes, na década de 1930.

Vinicius, em 1976.

Vinicius de Moraes, com o Prefeito de São Bernardo do Campo, Tito Costa, e o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 1979.

Com o amigo e também diplomata Lauro Escorel, no fim da década de 1960.

Com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 1979.

Los Angeles, Novembro 2, 1949

Lauro querido,

Aí te mando, junto com uma plaquettinha de surpreza, que o nosso João fêz, um pedido de reserva de 3 exemplares do ensaio dêle sôbre Miró. Aliás, recebí carta dêle, há uns três ou quatro dias, me dizendo que ia fazer uma trepanação, muito breve. Fiquei muito aflito, mas por outro lado a gente tem sempre a esperança de que seja o remédio para aquelas chatíssimas dôres de cabeça que êle vinha mantendo. De qualquer modo é um treco serissimo.

O dinheiro (30 dólares, se não me engano) só te poderei mandar em dezembro, pois uma viagem que fiz ao México me arruinou. Fui para estar um pouco com o Di, que anda por lá, para ver Neruda, que estava muito mal - já vai melhor - de uma flebite trombótica, e para dar uma olhada em Mexico City, que me deixou louco. Adorei tudo. País formidável, povo louco, genial. Coisas lindas, mulheres inclusive. Conheci bem Guerrero e Siqueiros, mas não pude estar com Rivera, de quem vi no entanto a exposição completa - muita porcaria, muita coisa formidável - os murais são o melhor que há. Andei com quase todos os artistas de lá, gente simpática e bastante piroquete. Nesse interim, fundamos: o Di, o Carlos Obregon Santacilia e um poeta-arquiteto chamado Gomez Mayorga( depois de um lauto jantar e porre) o Bureau Interamericano de Arte, para divulgação interamericana das obras de arte e cultura dos países. A Secretaria Central será em Mexico City. O Obregon é um dos maiorais da arquitetura lá, e além de tudo muito rico. Está louco pelo projeto. Já me mandou a fotostática do documento de fundação, escrito num ménu de restaurante.

"Canto General", do Neruda, vai sair até o fim do ano, com ilustrações do Siqueiros e do Rivera. Se quiseres um exemplar manda

15 dólares, que os remeterei a Delia. Eu assinei dois. Vê se há alguém mais aí que se interesse, mas faz a coisa com discreção, pois o nome do Neruda é muito hot em rodas burguesas, quanto mais diplomáticas.

Mando-te também o 1º exemplar de "Filme", que nos custou tanto supr. Ficou boa. Podes divulgá-la aí, e cavar assinaturas. A revista precisa muito delas para viver. O segundo número sai agora (só está esperando por um artigo meu sôbre "The Quiet One", que vou mandar já). O terceiro será uma homenagem a Eisenstein, sôbre quem colhi material excelente no México, quase tudo inédito. Se conseguires assinaturas para "Filme", que sejam diretamente endereçadas à redação no Rio.

Tati desculpa-se de ainda não poder escrever mais a Marinha, mas que Pergunta se ela recebeu a carta dela Tati.
está numa ocupação feroz. E está mesmo, coitada. Trabalha de sol a sol, como soi dizer, e está na maior aporrinhação disso aqui. Agora, ainda por cima estamos hospedando a Clarinha do Zé Pires, também apelidada Pudim Carnal. Mas não está mais Pudim Carnal não, senão engraçadinha.

Ando trabalhando e escrevendo muito. Não há tempo para nada. Se tiveres alguma notícia da operação do João, manda imediatamente, que eu farei o mesmo. E escreve.

Abraços nos dois.

Glauber.

Com o amigo e também diplomata Lauro Escorel, no fim da década de 1960.

Com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 1979.

### *Pátria minha*

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez

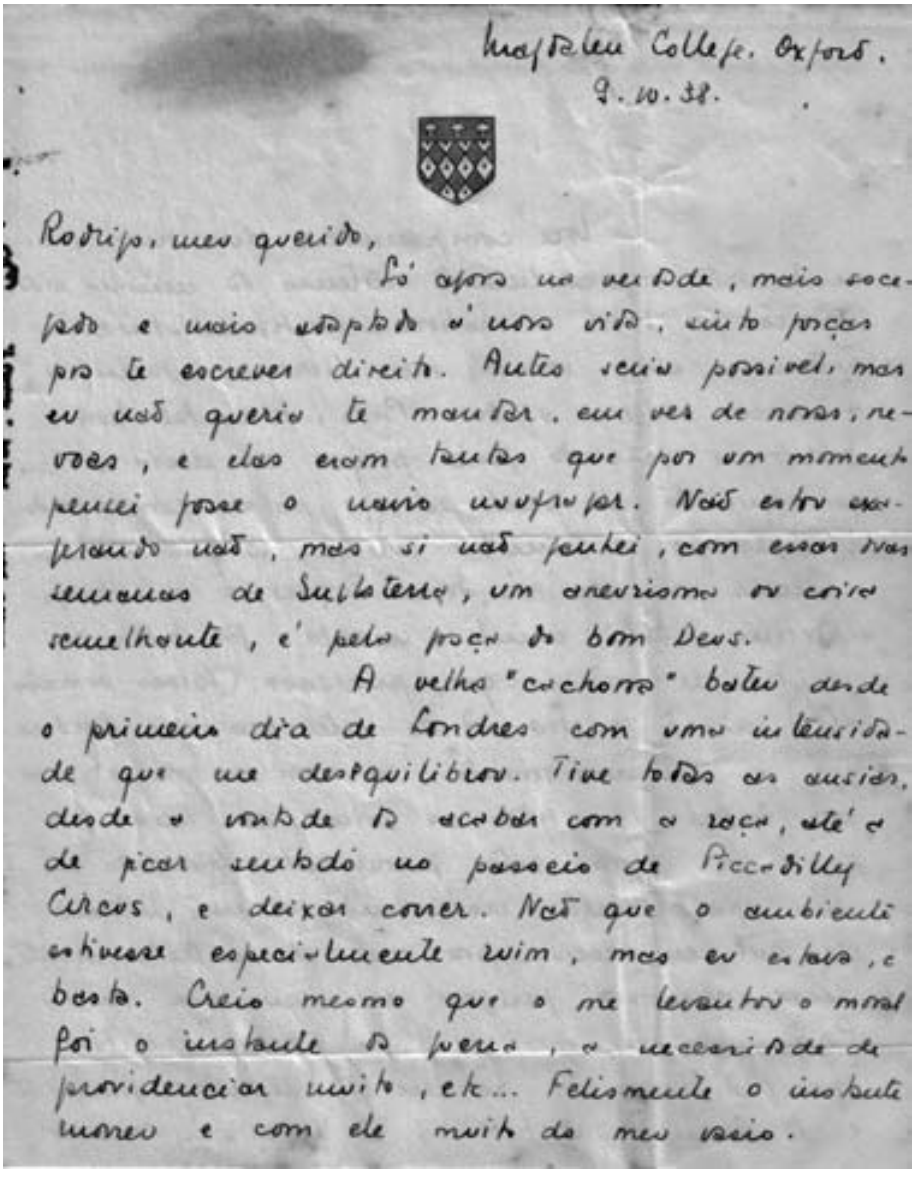
in *Pátria minha* (1949)

### *Do amor à pátria*

São doces os caminhos que levam de volta à pátria. Não à pátria amada de verdes mares bravios, a mirar em berço esplêndido o esplendor do Cruzeiro do Sul; mas a uma outra mais íntima, pacífica e habitual – uma cuja terra se comeu em criança, uma onde se foi menino ansioso por crescer, uma onde se cresceu em sofrimentos e esperança canções, amores e filhos ao sabor das estações.

Sim, são doces as rotas que reconduzem o homem à sua pátria, e tão mais doces quanto mais ele teve, viu e conheceu outras pátrias de outros homens.

in *Para uma menina com uma flor* (1953)



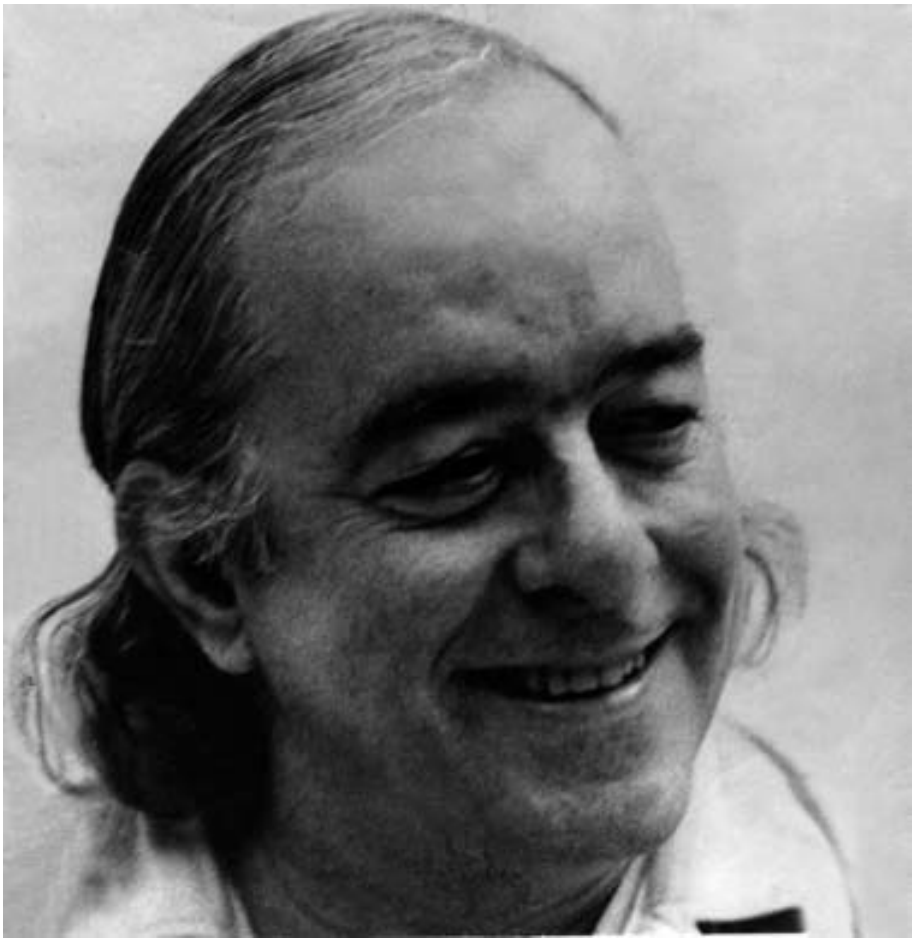
Magdalen College. Oxford.
9.10.38.

Rodrigo, meu querido,

Só agora na verdade, mais socegado e mais adaptado à nova vida, sinto forças pra te escrever direito. Antes seria possivel, mas eu não queria te mandar, em vez de novas, nevoas, e elas eram tantas que por um momento pensei fosse o navio naufragar. Não estou exagerando não, mas si não fenhei, com essas duas semanas de Inglaterra, um aneurisma ou coisa semelhante, é pela força do bom Deus.

A velha "cachorra" bateu desde o primeiro dia de Londres com uma intensidade que me desequilibrou. Tive todas as ansias, desde a vontade de acabar com a raça, até a de ficar sentado no passeio de Piccadilly Circus, e deixar correr. Não que o ambiente estivesse especialmente ruim, mas eu estava, e basta. Creio mesmo que o me levantou o moral foi o instante da guerra, a necessidade de providenciar muito, etc... Felismente o instante morreu e com ele muito do meu vasio.

Manuscrito de carta ao amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade - Londres, 1938
Arquivo Rodrigo Melo Franco de Andrade - AMLB/FCRB.



Vinicius de Moraes, em 1971.

Com Baden Powell, em 1964.

Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira e Chico Buarque, em 1963.

Com Maria Bethânia, em 1966.

Vinicius de Moraes e Tom Jobim, em 1956.

Vinicius, em 1976.

| | |
|---|---|
| *Formato* | *15,5 x 22,5 cm* |
| *Mancha gráfica* | *12 x 18,3cm* |
| *Papel* | *pólen soft 80g (miolo), duo design 250g (capa)* |
| *Fontes* | *Times New Roman 17/20,4 (títulos),* |
| | *12/14 (textos)* |